

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Zilda Maria Willers da Silva

FAMÍLIA, ESCOLA E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM:
quando não existem culpados, mas “parceiros” a favor do aluno

Porto Alegre
1. Semestre
2016

Zilda Maria Willers da Silva

FAMÍLIA, ESCOLA E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM:
quando não existem culpados, mas “parceiros” a favor do aluno

Trabalho de conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Professora Doutora Luciana Vellinho Corso

Porto Alegre
1. Semestre
2016

AGRADEÇO

Ao **Senhor Jesus**, por me sustentar todas as vezes que pensei em desistir...

Ao meu esposo **Davis**, pela paciência e companheirismo durante estes anos de estudo.

Ao meu filho **Gabriel**, pelas jantãs, carinhos e abraços...

Ao meu filho **Lucas**, pelos sorrisos, aconchegos e por todo o orgulho que tem da minha formação.

A tantas mães que fazem parte da minha vida...

Em especial, a **Cris...** Muito obrigada, por todas as vezes que você chorou comigo e sem respostas, só me abraçava quando eu perguntava: “Maninha, porque todas as crianças podem ter mãe e só eu não?”

Não consigo nem imaginar minha vida sem você!

A **Bel**, que me carregou no colo durante tantas idas ao hospital!

Se alguém me inspira a batalhar, este alguém é você!

A **Nai**, a mãe que o Senhor me concedeu, para que eu pudesse dividir minhas dores, tristezas e alegrias.

Muito obrigada por tudo! Vocês fizeram a diferença, me dando todo o suporte emocional que eu precisava para chegar até aqui! **Amo muito vocês!**

Agradeço a minha orientadora de estágio, a professora **Maria Stephanou**, por me ensinar que pode existir uma intelectualidade qualificada e ao mesmo tempo sensível e humana.

A minha orientadora de TCC, a professora **Luciana Corso**, por me inspirar a me apaixonar pela Psicopedagogia, tendo dividido comigo de um jeito tão contagiante os inúmeros conhecimentos desta área.

A professora **Patrícia Camini**, por fazer de mim uma alfabetizadora, dividindo comigo a experiência de uma professora pesquisadora.

A todos os **professores** que fizeram parte desta graduação do Curso de Pedagogia da UFRGS, dos quais as vozes ecoarão, quando eu estiver em sala de aula...

A todas **colegas da graduação**, com quem também aprendi muito...

Em especial, as amigas que fiz durante o curso, **Priscila Pereira, Bianca Bierhals e Caroline Borba**.

Agradeço também, e especialmente, a **todos os alunos do estágio docente e do projeto da Casa de Cultura Sabiá**, na Ilha das Flores, que mesmo antes deste diploma, já me consideraram sua professora.

Muito Obrigada a Todos!

A criança não reproduz a maneira de agir da família, mas as ações dela “são reações que se “apoiam” relacionalmente nas ações dos adultos que, sem sabê-lo, desenham, traçam espaços de representações possíveis para ela.” (LAHIRE, 1997, p.17)

RESUMO

Esta pesquisa traz um recorte da experiência vivida no período de estágio docente, realizado no último trimestre do ano de 2015, em uma turma de 24 alunos, do terceiro ano do ensino fundamental, de uma escola pública na cidade de Porto Alegre – RS. Na entrega da avaliação trimestral, 13 pais assinaram uma notificação que os tornava cientes que os filhos teriam chances de serem reprovados por evidenciarem dificuldades de aprendizagem escolar. Entretanto, após o trabalho de “parceria” entre escola e família, oito destes alunos conseguiram ser aprovados, levando ao questionamento, que se tornou o objetivo central desta investigação: descobrir quais foram as condutas e intervenções realizadas pela família, no período de estágio docente, que possam ter contribuído para os avanços na aprendizagem escolar do aluno. Configura-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de cunho etnográfico, do tipo estudo de caso, sendo realizada com a família de um destes alunos, tendo como instrumentos de análise uma entrevista estruturada e os registros do diário de campo da prática docente. O estudo buscou inspiração teórica na pesquisa etnográfica do sociólogo francês Bernard Lahire, realizada com as famílias de meios populares da França no ano de 1997. As análises mostraram que o manejo da família, no horário sistemático de fazer as atividades escolares, a ajuda constante na realização do tema, os momentos de reflexão sobre os significados das palavras, os ditados, as leituras, as reflexões sobre os sons das letras, as reescritas das palavras, e as atividades de resolução mental das contas, contribuíram para o avanço das aprendizagens escolares do aluno. Encerra-se a pesquisa instigando discussões acerca da relação família e escola, justificando-se que, ao solicitar ajuda aos pais, é necessário que o professor compreenda que o que a família entende por “parceria” não é o mesmo que a escola entende.

Palavras-chave: Família. Escola. Dificuldades de Aprendizagem.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Excerto Pesquisa UNESCO/MEC.....	18
Figura 02	Produção de Texto Inicial.....	29
Figura 03	Produção de Texto Final.....	29
Figura 04	Resolução de Problema Matemático.....	30
Figura 05	Interpretação de Texto.....	30
Figura 06	Cálculos.....	31

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	08
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
2.1	BUSCA DE COMPREENSÃO DO SUCESSO/FRACASSO ESCOLAR A PARTIR DA OBRA DE LAHIRE.....	10
2.2	FAMÍLIA E APRENDIZAGEM.....	13
2.3	FAMÍLIA E ESCOLA.....	16
3	PESQUISA.....	21
3.1	MÉTODO.....	21
3.1.1	Objetivos.....	22
3.1.2	Aluno.....	22
3.1.3	Turma.....	23
3.1.4	Instrumentos Utilizados.....	25
3.1.5	Aprendizagens Discentes.....	28
4	ANÁLISE.....	33
4.1	RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA.....	42
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
	REFERÊNCIAS.....	49
	APÊNDICE A – ENTREVISTA.....	50
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO.....	58

1 INTRODUÇÃO

Durante o sétimo semestre do curso de Pedagogia na UFRGS¹, no último trimestre do ano de 2015, recebo como desafio docente ser professora estagiária da A33, uma turma de 24 alunos do terceiro ano do Ensino Fundamental na cidade de Porto Alegre - RS.

Na segunda semana de início do meu estágio, a escola chamou os pais² para a entrega da avaliação do segundo trimestre. Nesse dia, que tive a oportunidade de participar, 13 pais assinaram uma notificação que os deixava cientes que seus filhos teriam chances de não conseguirem avançar para o quarto ano, devido à possibilidade de não alcançarem os objetivos previstos pela escola para o ano que estavam matriculados. Entre os objetivos destacam-se: ter concluído o processo de alfabetização realizando com autonomia a leitura, interpretação e produção de textos, dominar o conceito de adição, subtração, divisão e multiplicação, e também resolver com autonomia os problemas matemáticos e os cálculos de adição com transporte e de subtração com empréstimo.

Estávamos já no início de Outubro, faltando apenas dois meses e meio para acabarem as aulas, nesse momento, percebo que o tempo que tenho em sala de aula é insuficiente para a gama de desafios a vencer até o final do ano. Por isso, além de me apresentar e falar da minha proposta como professora estagiária dessa turma de terceiro ano, solicitei o apoio da família para ajudar os alunos a superarem suas dificuldades de aprendizagem.

No decorrer dos dias do estágio, alguns pais, entre entrada e saída da aula, me perguntavam sobre como os filhos estavam contornando as dificuldades, se estavam conseguindo superá-las e se mostravam disponíveis a ajudar no que fosse preciso. Assim, nasce a “parceria”, entre a escola e a família no processo de aprendizagem escolar dos alunos. Começo a informar os pais, via bilhetes e conversas informais, o que o aluno conseguia ou não desenvolver naquela semana de aula, e solicitava que a família ajudasse os alunos a compreenderem as atividades que ainda estavam com dificuldades. No final do ano, dos 13 alunos que levaram a notificação, 08 conseguiram avançar para o quarto ano, entre eles o

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² No decorrer do estudo, chamarei de pais, os responsáveis pela educação escolar da criança.

“José”³, um aluno que tinha dificuldades de compreensão leitora, na matemática, no domínio das convenções ortográficas e na produção de textos com sentido.

Desse modo, encerrei o estágio obrigatório, com um questionamento, que se transformou em minha **questão de pesquisa**: “Quais foram as condutas e intervenções realizadas pela família, após a notificação escolar, que possam ter contribuído para o avanço na aprendizagem escolar do aluno?”

Nesse sentido, realizei uma pesquisa de cunho etnográfico, do tipo estudo de caso, com a família de José, tendo como instrumentos de análise uma entrevista estruturada e os registros do diário de campo da prática docente, **com o objetivo** principal de investigar quais foram as condutas e intervenções realizadas pela família, nesse período de estágio docente, que possam ter contribuído para os avanços na aprendizagem escolar do menino, e assim, **propor uma reflexão** acerca do “mito da omissão parental” (LAHIRE,1997), e da relação família e escola nas dificuldades de aprendizagem escolar do aluno.

Para embasar teoricamente este estudo, busco aporte teórico na pesquisa realizada com as famílias de meios populares pelo sociólogo francês Bernard Lahire. Nos estudos da Psicopedagogia, através das reflexões de Nilo Fichtner, Rosa Maria Macedo, Clarissa Golbert, Sônia Moojen e Luciana Corso. Nas discussões acerca da relação família e escola, de Bernard Lahire, Maria Alice Nogueira, Márcia Cristina Argenti e da pesquisa realizada pela UNESCO⁴/MEC⁵.

O trabalho está organizado em seis capítulos. Neste primeiro, introduzo o tema de pesquisa, justificando minha escolha. No segundo capítulo, saliento as teorias que embasarão as reflexões deste trabalho. No terceiro, apresento a pesquisa, com o método utilizado, os objetivos, o aluno, a turma que ele estava inserido e os instrumentos utilizados para a análise. No quarto capítulo, desenvolvo a análise da entrevista realizada com a família e instigo reflexões acerca da relação família e escola. No quinto e último capítulo, exponho minhas considerações em relação ao estudo realizado.

³ Nome fictício utilizado para manter o sigilo ético e assegurar o anonimato do aluno.

⁴ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

⁵ Ministério da Educação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, apresento as teorias que embasaram as minhas reflexões. Para investigar as condutas e intervenções realizadas pela família, que possam ter contribuído para o avanço na aprendizagem escolar do aluno, encontrei nas categorias de análise da pesquisa de Lahire (1997), os aportes teóricos que sustentaram esta investigação. Para estudar a família como parte do processo de aprendizagem, destaco os estudos da Psicopedagogia, nas palavras de Golbert e Moojen (1996), Macedo (1994), Fichtner (1987) e Corso (2011). E, para refletir sobre a relação família e escola nas dificuldades de aprendizagem escolar, aponto o estudo de Lahire (1997), de Nogueira (2006 e 2015), de Perez (2009) e os estudos da UNESCO/MEC (2009).

2.1 BUSCA DE COMPREENSÃO DO SUCESSO/FRACASSO ESCOLAR A PARTIR DA OBRA DE LAHIRE

Bernard Lahire, sociólogo francês, desenvolveu uma pesquisa etnográfica, realizada com 26 famílias de meios populares na França no ano de 1997. O autor dedica a obra: “Sucesso Escolar Nos Meios Populares: as razões do improvável”, para detalhar esta pesquisa. Lahire define cinco categorias de análise, que segundo ele, atuam em maior consonância ou dissonância entre a escola e família e contribuem para o sucesso ou o fracasso escolar do aluno. As categorias são: as formas familiares de cultura escrita, as condições e disposições econômicas, a ordem moral doméstica, as formas de autoridade familiar e as formas familiares de investimento pedagógico. Passo a seguir a apresentar estas categorias, de forma breve, para posteriormente refletir e analisar sobre os dados obtidos com a família do aluno.

Na categoria, formas familiares de cultura escrita, Lahire destaca que a familiaridade com a escrita é de grande importância para o sucesso escolar do aluno, ele nos faz refletir sobre o fato de que a criança que tem em seu ambiente familiar momentos prazerosos de leitura e contação de histórias, além dos conhecimentos linguísticos e textuais adquiridos com estas histórias, cria um elo

afetivo entre os textos, que a motiva a utilizar os conhecimentos adquiridos com muito mais naturalidade nas produções orais ou escritas. Ao mesmo tempo em que, ver os pais lendo jornais, revistas ou livros, pode dar à criança um aspecto natural dessas ações: “ser adulto como seu pai ou sua mãe, significa, naturalmente, ler livros ” (p. 20).

Entretanto, se os livros forem respeitados e organizados demais, sem ela ter o direito de tocá-los, a relação criança livro pode não ser proveitosa. Desse modo, a forma familiar de cultura escrita não está relacionada à presença ou ausência de livros, ou materiais escritos em casa, mas sim, à qualidade da interação da família com a criança e da criança com o material escrito.

O modo como os pais ou familiares utilizam diariamente a escrita, vai dar o sentido que a criança atribuirá a escrita em sala de aula. Como o autor salienta: “Irá associá-la a uma experiência necessariamente dificultosa e até mesmo dolorosa, ou ao contrário, um ato natural, e, às vezes até de prazer. ” (p.21).

Na categoria de condições e disposições econômicas, o autor aponta que, a estabilidade do chefe da família gera “regularidades de atividades e horários familiares e limites temporais estruturados e estruturantes” (p.24) para a criança, visto que a rotina familiar é planejada em torno de horários e gastos fixos. Se o pai ou a mãe chegam em casa sempre em determinado horário, o horário do jantar, o horário de dormir, de acordar, de fazer as atividades escolares serão horários organizados para dar conta da rotina familiar.

Mas, as condições econômicas dependem não só da estabilidade financeira, mas de como cada família administrará seus recursos. Como justifica Lahire: “O mesmo capital, a mesma situação econômica, podem ser tratados, geridos de diferentes maneiras” (p.24). Porém, como cita o autor, diante de situações de desemprego, divórcio ou morte de alguém da família, normalmente não é possível para as famílias continuarem ou desenvolverem uma sistematização da rotina familiar, já que os horários não são fixos, e a criança acaba vivendo cada dia com uma organização diferente. Vinculado a isso, os recursos financeiros que são muitas vezes escassos ou inexistentes, fazem com que a criança não consiga projetar suas necessidades materiais para a família, pois não há nenhuma regularidade de recursos, o que dificulta a relação que a criança estabelecerá com o tempo, já que a impede de ter uma “projeção realista de futuro”. (p.24).

Na categoria referente à ordem moral doméstica, estão as questões referentes a ensinar as crianças a respeitarem os professores e terem um “bom comportamento”, fazer sempre o que for pedido, prestar atenção, sendo uma extensão da família no quesito respeitabilidade. Os pais apresentam também sanções aos filhos quando eles tiram notas baixas ou apresentam um mau comportamento na escola, e exercem todo tipo de controle a fim de garantir a ordem moral e material da criança. Nesse sentido Lahire destaca que:

A regularidade das atividades, dos horários, as regras de vida estritas e recorrentes, os ordenamentos, as disposições ou classificações domésticas produzem estruturas cognitivas ordenadas, capazes de pôr ordem, gerir, organizar os pensamentos. (LAHIRE, 1997, p. 26).

O autor também analisa que, ao por ordem na casa, colocamos em ordem o pensamento e estimulamos nossa memória:

Gestão de um interior e gestão interior são atividades irmãs. O aluno que vive em um universo doméstico material e temporalmente ordenado adquire, portanto, sem o perceber, métodos de organização, estruturas cognitivas ordenadas e predispostas a funcionar como estruturas de ordenação do mundo. (LAHIRE, 1997, p. 27).

Na categoria de autoridade familiar, Lahire salienta que “a escola primária é regida por regras de disciplina” (p.27), e que, para a escola, a autonomia do aluno é entendida quando ele consegue, sem intervenções, cumprir as combinações e imposições da escola. Do mesmo modo, “as diferentes formas de autoridade familiar dão relativa importância ao autocontrole, e interiorização das normas de comportamento”. (p. 28).

Todavia, se a escola, e a família tiverem regimes disciplinares muito distintos, estes, trarão às crianças dificuldades para adaptarem-se ao regime escolar. Se o aluno vive em uma família em que ele encontra liberdade para questionar, argumentar, e colocar seu posicionamento, e estuda em uma escola que não valoriza tal relação, essa disparidade dificultará a aprendizagem da criança. Como ressalta o autor: “É importante estar atento a fenômenos de dupla coerção em alguns alunos: eles podem estar sendo submetidos a regimes disciplinares, familiar e escolar, diferentes ou opostos” (p. 28).

Já na categoria formas familiares de investimento pedagógico, está o valor que a família investe na escolaridade dos filhos, o que muitas vezes se torna um

superinvestimento da família para fazer com que as crianças obtenham sucesso escolar. Pais que sacrificam o tempo livre para ajudar nas tarefas escolares, que investem recursos financeiros, muitas vezes limitados, para comprar livros e materiais escolares, e que fazem do sucesso escolar dos filhos o seu próprio sucesso, paralelamente a isso, quando a criança fracassa, é como se fosse seu próprio fracasso. E, embora haja nesses casos muito empenho da família, às vezes, esse empenho é inadequado para ajudar a criança diante das suas dificuldades. Lahire, nesse sentido expõe que:

O investimento pedagógico pode tomar formas mais ou menos rigorosas e sistemáticas, mas pode, sobretudo, operar-se segundo modalidades mais ou menos adequadas, para atingir o objetivo visado. Os efeitos sobre a escolaridade da criança podem variar segundo as formas para incitar a criança a ter “sucesso” ou a estudar para ter “sucesso”, segundo a capacidade familiar de ajudar a criança a realizar os objetivos que lhe são fixados. (LAHIRE, 1997, p.29).

Dessa forma, não será suficiente apenas o investimento da família, mas, a forma como se dará esse investimento no meio familiar. Em direção similar, o tópico seguinte propõe-se a abordar a relação da família com a aprendizagem escolar do aluno.

2.2 FAMÍLIA E APRENDIZAGEM

Ao sugerir as contribuições da família no processo de aprendizagem escolar do aluno, destaco a família como um dos diversos fatores envolvidos na aprendizagem. Concordo com Macedo (1994), quando refere:

É evidente que, sendo o desenvolvimento um processo global, qualquer dificuldade está relacionada tanto a características próprias da criança quanto a atitudes da família e da escola afetando sempre a criança enquanto pessoa. Portanto é superimportante assumir-se a postura de que a produção da criança é o resultado da inter-relação de toda essa rede que constitui o contexto de sua vida (p. 199).

Nesse âmbito, entendo a aprendizagem como um processo complexo que envolve um interjogo de fatores. Essa complexidade é bem ilustrada por Golbert e Moojen (1996) quando referem o trabalho de Smith (1985), que utiliza um cubo

composto por cinco lados para expressar a multiplicidade de fatores presentes na aprendizagem. Dentre estes fatores, estão os biológicos, o familiar, as características da escola, as características individuais e as características da tarefa, todos interligados e ao mesmo tempo indispensáveis ao sucesso ou ao fracasso escolar do aluno. Os fatores biológicos referem-se aos aspectos orgânicos, hereditários e bioquímicos. Nos fatores familiares estão presentes a qualidade de nutrição e estimulação, o clima emocional da família, as influências socioculturais e a afetividade dos pais. Nos fatores escolares são destacadas as características organizacionais, físicas, humanas e a qualidade do ensino. As características individuais apontam as questões relacionadas ao afeto, a cognição, o nível de motivação, maturidade sócio emocional, as características individuais e de personalidade. No aspecto relacionado à tarefa é apontada a relação da tarefa proposta pela escola com o nível maturacional e cognitivo do aluno.

As autoras, Golbert e Moojen (1996), ao refletirem sobre as causas do fracasso escolar, destacam que “não se pode atribuir relação linear de causa e efeito”, mas que “várias causas geram vários efeitos” e que “causas que determinam efeitos, tornam-se por sua vez, causas de novos efeitos” (p.94).

Nessa perspectiva, os estudos de Corso (2011), também nos ajudam a refletir sobre o processo de aprendizagem do aluno. Para a autora, além do “conjunto de fatores internos e externos que envolvem a aprendizagem”, precisamos nos dar conta de que:

[...] os processos de aprendizagem e desenvolvimento são sequenciais, ou seja, se dão por etapas. As etapas são as mesmas para todos os indivíduos, porém existe uma trajetória individual e um ritmo maturacional próprio de cada pessoa que necessita ser respeitado. (CORSO, 2011, p.65).

Corso (2011) conclui que “a aprendizagem e o desenvolvimento são processos dinâmicos e interativos que englobam o sujeito na sua totalidade: corpo, cérebro, emoção e razão.” (p.65).

E, assim como a aprendizagem, as famílias são complexas e permeadas por inúmeros desafios, como mostram os estudos de Macedo (1994), sobre a família:

A família tem como propósito fornecer um contexto que permita a sobrevivência e o desenvolvimento de seus membros, procurando atender a necessidade de todos. É uma função complexa devido às interações

múltiplas entre todos os membros as quais implicam, necessariamente, alto grau de envolvimento em suas várias formas. (p.186).

Para estimular a sobrevivência permitir o desenvolvimento saudável, é importante que a família se mostre “funcional”, termo trazido pela autora para as famílias que promovem o crescimento e o desenvolvimento dos membros, entretanto, em alguns momentos as famílias estão disfuncionais, ou seja, quando bloqueiam este crescimento. Entretanto, as famílias são dinâmicas, podem estar funcionais ou disfuncionais, mas não permanecem assim para sempre, “pois ela é um sistema aberto em constante transformação” (MACEDO, 1994, p. 194)

A família quando está funcional, promove o suporte físico, afetivo e social e permite à criança um sentimento de pertencimento e de identidade individual e social, que mudará de acordo com os valores da sociedade na qual ela está inserida. Conforme, justifica Macedo:

Da mesma forma que a criança acomoda e assimila padrões interacionais e valores de sua família, a família se acomoda à sociedade assegurando a continuidade de sua cultura, de seus valores. ” (MACEDO, 1994, p. 188).

Além dos valores sociais e de identidade, para promover o crescimento, é importante que haja na família uma hierarquia entre pais e filhos e limites bem estabelecidos. O respeito à autoridade em uma família funcional está condicionado à existência de fronteiras, a delimitação do papel de cada um na família. “A função das fronteiras é permitir a diferenciação entre os membros do grupo familiar para que possam se desenvolver” (p. 191) e, quanto mais claras forem as regras e os limites, melhor será o convívio e a adaptação dessa criança às regras escolares. Macedo, (1994) destaca que: “Cada família tem suas próprias regras que vão sendo forjadas através de anos de convivência as quais podem ser implícitas ou explícitas”. (p.189).

A autora ressalta que não existem famílias melhores que outras, e que determinados comportamentos das famílias muitas vezes inapropriados ao desenvolvimento saudável das crianças, não são intencionais, nem permanentes.

Contudo, como dito por Fichtner (1986): “a família é a matriz dos pré-requisitos necessários para a aprendizagem e adaptação escolar” (p.63). O autor ressalta este conceito ao problematizar que a criança traduz os conflitos familiares em “distúrbios reativos de aprendizagem” que geram na criança, dependendo das situações que vivencia, ansiedade e agressividade que podem prejudicar o

desenvolvimento da aprendizagem escolar do aluno. Dessa forma, propor uma “parceria” entre a escola e a família, requer estarmos atentos a vários fatores que envolvem tanto a aprendizagem quanto a família.

Em vista disso, dedico o tópico seguinte para abordar a relação família e escola.

2.3 FAMÍLIA E ESCOLA

Refletir sobre a relação família e escola, é, antes de tudo, compreender as mudanças que a família vem sofrendo ao longo dos anos e o papel que a criança ocupa hoje na família. Para Nogueira (2006), na sociedade contemporânea, “a criança é vista cada vez mais como objeto de afeto e de cuidados, razão de viver, modo de realizar-se.” (p.159). E, com isso, no sucesso da criança está o sucesso dos pais que “mobilizam um conjunto de estratégias visando elevar ao máximo a competitividade e as chances de sucesso do filho, sobretudo face ao sistema escolar” (NOGUEIRA, 2006, p.161).

Nogueira (2015) destaca que este interesse no sucesso escolar dos filhos não se restringe apenas a famílias de classes médias, mas que as famílias de meios populares têm consciência de que a escola pode mudar a vida dos filhos, utilizando meios que vão além das condições financeiras da família para ajudar no desempenho escolar. A autora ressalta que “as mães são mobilizadas a sua maneira (p.9)”, pedem ajuda aos vizinhos e, se necessário, tiram cópia de revistas para garantir o acesso ao material escolar. “E que estatisticamente a escolaridade dos pais é a variável mais relacionada com o desempenho escolar”, mas que “o capital cultural tem muito mais impacto na formação dos filhos do que o capital econômico. (p. 9)”

A autora também salienta que há algumas décadas, “competia à escola instruir e a família educar.” (NOGUEIRA, 2015, p. 6), mas hoje, como a posição social depende do grau de escolaridade, os pais passaram a acompanhar de perto a escolaridade dos filhos a fim de garantir-lhes o sucesso pessoal e profissional. Assim, Nogueira (2015) pondera que: “a família não pode delegar essa tarefa somente a escola, precisam acompanhar tudo muito de perto” (p. 6), mudando as

relações sociais entre escola e família, pois a família passa a invadir o espaço da escola e a escola passa a interferir na vida do aluno.

A autora ressalta que falar de parceria entre escola e família é fazer um “discurso idealizado”, pois na prática o que se vê nas escolas é uma relação permeada por tensões, algumas vezes por parte da família, que não aceita o que os professores querem lhes dizer sobre como devem agir com os filhos e, outras vezes, por parte dos professores que sentem-se incomodados com a invasão da família no seu espaço de trabalho.

Nesse sentido, a autora constata que ao pedir a ajuda aos pais, a maioria dos professores referiam-se a questões comportamentais da criança, como pedir-lhes que não conversassem em aula. Já a família entendia a solicitação de ajuda como ter que ser mais firme com as crianças em casa, por isso, “é necessário saber se o que a família entende como colaboração é o mesmo que a escola entende ” (NOGUEIRA, 2015, p.8).

Em direção similar, Lahire (1997), em seu estudo, vincula casos paradoxais de superinvestimento da família, que agiam de formas exageradas para obter o sucesso escolar dos filhos, acreditando ser essa a forma correta de fazê-lo, pais que até batiam nos filhos para que tivessem sucesso escolar, havendo, “uma distorção entre os fins visados e os meios utilizados para atingi-los. ” (LAHIRE, 1997, p.335).

Perez (2009) salienta que na relação família e escola, o professor é aquele que deve liderar, dando a direção do que a família pode fazer para contribuir com a aprendizagem do aluno, devendo este ter o cuidado de não exigir que os pais assumam a posição de professores particulares dos filhos, mas que deixe claro quais condutas da família pode contribuir para a aprendizagem do aluno.

Ao analisar a dinâmica escolar, a pesquisa de Perez (2004) denuncia que é possível verificar que o professor é o elemento chave, *aquele que dá vida* ao processo de ensino-aprendizagem e, portanto, das práticas escolares, inclusive aquelas relacionadas à relação família-escola. Sua postura, suas representações e conhecimentos determinam em parte o que fazem no contato com os educandos e, de modo correlato, com seus familiares. (PEREZ, 2009 Apud PEREZ, 2004 p.6)

Tendo em vista as transformações sociais que a escola e a família passaram ao longo dos tempos, concordo com Nogueira (2015) quando destaca que atualmente há uma predisposição de algumas famílias em estabelecer parcerias com a escola, a fim de garantir o sucesso pessoal e profissional dos filhos, mas há

ainda resistência de alguns professores com essa parceria. A autora problematiza o que constatamos empiricamente nas escolas, em conversas informais nas salas de professores, sobre a reação dos professores com os questionamentos das famílias no seu espaço de trabalho. E o que relata a pesquisa da UNESCO e do MEC (2009):

Figura 01- Excerto Pesquisa UNESCO/MEC

- Os professores sentem-se incomodados quando os pais opinam na área que julgam de sua competência exclusiva. Não veem importância ou não acreditam que as famílias possam participar dessa relação de contornos mais pedagógicos.
- Educadores culpam a família pelas dificuldades apresentadas pelos alunos e alunas. É comum ouvir: a mãe não se preocupa, abandona o filho, não estabelece limites em casa.
- Professores criticam os pais (principalmente as mães) por não ajudarem no dever e nos pedidos da escola, ignorando as mudanças do papel da mulher na sociedade. Assim, o aluno que se apresenta sem o apoio do adulto é desprestigiado em sala de aula e tende a piorar seu rendimento.
- Gestores e docentes desqualificam aspectos da cultura familiar sem sequer conhecer o sentido das práticas, o espaço e a rotina familiar.
- A escola persiste com atividades dirigidas a modelos de famílias tradicionais, apesar das mudanças na sociedade²⁵.
- A escola mantém a mesma rotina de reuniões, oficinas, palestras e atividades, sem consultar os pais sobre temas de seu interesse, necessidade e horários adequados.

Fonte: Pesquisa UNESCO/MEC (2009, p. 43)

Do mesmo modo, Lahire (1997) ressalta que há um discurso por parte dos professores de que os pais são omissos e não se interessam pela escolaridade dos filhos, às vezes até, justificam essa omissão como fator de fracasso escolar da criança dos meios populares. Para o autor, essa omissão “é um mito”, uma falta de compreensão da realidade social dos pais de meios populares:

Nosso estudo revela claramente profunda injustiça interpretativa que se comete quando se evoca uma “omissão” ou “negligência” dos pais. Quase todos que investigamos, qualquer que seja a situação escolar da criança, têm o sentimento de que a escola é algo importante e manifestam a esperança de ver os filhos “sair-se” melhor do que eles. (LAHIRE, 1997, p.334).

Lahire (1997) justifica ainda mais esse mito ao verificar que, em muitos casos de fracasso escolar, os pais estavam presentes em todas as atividades da escola e isso não garantiu o sucesso escolar das crianças.

E, se considerarmos que a simples participação dos pais na vida escolar poderia modificar as coisas em relação aos desempenhos da criança, estaríamos postulando, com isso, uma hipótese que se revelaria - em vista de nossas análises - como totalmente ingênua e superficial. (LAHIRE, 1997, p.337).

As pesquisas realizadas no Brasil sobre a relação família e escola, entre as quais destaco a pesquisa da UNESCO e do MEC, ressaltam que é preciso analisar o tipo de participação e os fatores que podem inibir a participação da família. Como bem exemplifica a investigação:

[...] a presença de familiares na escola nem sempre é um bom indicador de uma interação a serviço da aprendizagem dos alunos/filhos. Uma escola que promove muitos e concorridos eventos pode estar se comportando mais como um centro cultural/social e perdendo de vista o que lhe é específico, isto é, garantir uma educação escolar de qualidade. Assim, é importante fazer uma diferenciação entre participação familiar nos espaços escolares e participação na vida escolar dos filhos - o que também nem sempre depende da presença dos responsáveis no estabelecimento de ensino. (UNESCO/MEC, 2009, p.39)

O estudo destaca que as reuniões escolares não são pensadas para acolher os diferentes tipos de pais, e que a linguagem técnica utilizada pelos professores, ou a projeção de textos, deixa muitos pais com baixa escolaridade ou analfabetos sentirem-se excluídos deste ambiente. “E ao final da reunião a equipe escolar só sabe o que quis dizer e não o que foi compreendido pelas famílias.” (UNESCO/MEC, 2009, p.39).

Contudo, para propor “parceria” entre a escola e a família, é preciso conduzir estratégias que estabeleçam melhorias na relação família e escola a favor do aluno. Os estudos realizados pela UNESCO/MEC trazem propostas de modificar as reuniões escolares, a fim de melhorar esta interação:

Numa reunião em que há uma preocupação maior com a interação, a equipe da escola organiza informações sobre o desempenho dos alunos (geral e individual) e também orientações sobre como as famílias podem estimular os alunos a se empenharem nas atividades escolares. Esse tipo de interação exige maior clareza dos papéis dos agentes educacionais, que ajudam a delinear para pais e mães os lugares que podem ocupar no apoio/complementação da educação escolar. (UNESCO/MEC, 2009, p.38).

A pesquisa instiga a escola a pensar estratégias focadas e não planejar reuniões com respostas prontas, mas estimular o diálogo a fim de ajudar os pais no

processo de aprendizagem escolar do aluno. Dessa forma, levando em conta os estudos que justificam a relação da família com a aprendizagem do aluno e instigam discussões acerca da relação família e escola, apresento no capítulo seguinte, a pesquisa realizada com a família de José.

3 PESQUISA

Para realizar esta investigação, foi feita a análise do diário de campo reflexivo, com as produções iniciais e finais do aluno e uma entrevista estruturada, seguindo os critérios de análise da pesquisa de Lahire (1997) com a família do menino. Escolhi esta família, por ter sido uma das que assinou a notificação de que o aluno poderia não avançar para o quarto ano, assim como ter sido expressivo para mim, como professora do José, acompanhar a superação gradual das dificuldades de aprendizagem apresentadas por ele. Destaco o fato de poder contar com a “parceria”, dessa família no período de estágio docente.

Nessa direção, apresento nos tópicos seguintes, o método utilizado para desenvolver o estudo, os objetivos da pesquisa, o aluno, a turma que ele estava inserido e os instrumentos utilizados para a análise.

3.1 MÉTODO

Este estudo configura-se como uma pesquisa qualitativa com enfoque etnográfico do tipo estudo de caso, tendo como instrumentos de análise uma entrevista estruturada com a família do aluno e os registros do diário de campo da prática docente. Caracteriza-se, conforme Bogdan e Biklen (1982) apud Ludke e André (1986) como uma pesquisa qualitativa na educação, por ter o ambiente natural, a escola, como a fonte direta de dados, o pesquisador como seu principal instrumento e pelos dados serem predominantemente descritivos:

O material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos; inclui transcrições de entrevistas e de depoimentos, fotografias, desenhos, e extratos de vários tipos de documentos. Citações são frequentemente usadas para subsidiar uma afirmação ou esclarecer um ponto de vista. (p. 12).

Delimita-se como pesquisa com enfoque etnográfico, pela preocupação em relacionar o contexto cultural, em que a escola, a família e a criança encontram-se: “O uso da etnografia na educação deve envolver uma preocupação em pensar o

ensino e a aprendizagem dentro de um contexto cultural amplo” (WOLCOTT, 1975 apud LUDKE e ANDRÉ, 1986).

A presente pesquisa caracteriza-se por um estudo de caso, pelo fato de investigar as características particulares da família do aluno, a fim de extrair suas singularidades, como dito por Goode e Hatt (1968) apud Ludke e André (1968): “O interesse, portanto, incide naquilo que ele tem de único, de particular”. (p.17).

3.1.1 Objetivos

O objetivo principal desta pesquisa será investigar quais foram as condutas e intervenções realizadas pela família, no período de estágio docente, que contribuíram para os avanços na aprendizagem escolar do aluno, e, propor uma reflexão acerca do “mito da omissão parental”, termo trazido por Lahire (1997), e da relação família e escola nas dificuldades de aprendizagem escolar do aluno.

3.1.2 Aluno

José tem oito anos, mora com os pais e dois irmãos, um de seis e outro de treze anos, ambos ficam sozinhos em casa no turno inverso a escola e ajudam nas tarefas da casa. A mãe trabalha como recepcionista e o pai é vendedor.

Eles residem nas proximidades da escola, que fica em um bairro muito violento, todas as semanas as crianças chegavam contando de algum assassinato ou tiroteio, alguns dos quais eles presenciavam por estarem na praça, na rua ou no mercado do bairro, e em alguns momentos os alunos faltavam à aula porque a mãe havia ido ao velório do vizinho ou do amigo que havia sido assassinado no final de semana.

José mostrava-se uma criança inquieta, não conseguia permanecer sentado por muito tempo, tinha dificuldades de concentrar-se, sendo necessário ajudá-lo a focar a atenção. No início do estágio docente, os colegas o deixavam copiar deles as atividades da aula, o que dificultava saber exatamente o que o menino não compreendia. Apenas nas intervenções individuais que eu me dava conta em que aspectos, ele precisava de apoio, mas a medida que fomos nos conhecendo, as

crianças compreendiam que, para ajudar os colegas, era necessário fazê-los compreender o que a professora havia ensinado e não dar-lhes a resposta pronta.

Nas questões de relacionamento, ele estava sempre discutindo com algum colega e, em muitos momentos, ocorriam agressões físicas. Na sala de aula perturbava o andamento do trabalho por sempre dizer palavrões, o que incomodava os colegas e gerava burburinhos. Apresento, alguns excertos do diário de campo, sobre o comportamento do menino em sala de aula:

“José” está sempre dizendo palavras obscenas sobre a mãe de alguém, quase todo o dia ocorre algum conflito entre ele e algum colega.

“Bah! Que feio sora, o “José” falou palavrão!”

“José” me chamou no intervalo para contar que o colega queria bater nele, ao chamar os dois para conversar, descobri que ele havia iniciado o conflito dizendo palavrões sobre a mãe do colega.

(Excertos das anotações do diário de campo)

Este comportamento de José, não era exceção, a turma em geral tinha um perfil muito parecido. Para contextualizar esse ambiente escolar do qual o aluno fazia parte, dedico o tópico seguinte para relatar quem eram os colegas de aula do menino.

3.1.3 Turma

Uma turma de 24 alunos, com idades entre oito e doze anos, que desde o início do ano vinha trocando de professor e que, há alguns meses, havia recebido uma professora titular. Uma turma agitada, com muitas questões de relacionamentos a serem contornados, frequentes agressões físicas e verbais, e muitas dificuldades de aprendizagem na leitura, escrita e matemática.

Na página seguinte, destaco o excerto do meu diário de campo, sobre quem eram meus alunos:

[...] alunos agitados e inquietos e que por trás dessa inquietação histórias de vida conturbadas. Como a P., que nunca vê o pai e agora a mãe que é faxineira está grávida de um namorado. A E., que a mãe tem 5 filhos, também sustenta-os da faxina e está grávida novamente. J., que vem para aula e às vezes não segura a urina e as fezes, passa às tardes com um tio violento e o irmão que ele era apegado está na prisão. CR., um menino muito violento que luta contra o câncer, fazendo tratamento de quimioterapia toda semana. Q., com muitas dificuldades de aprendizagem, mas que precisa ajudar a mãe a dar conta dos irmãos sociais na casa lar que a mãe trabalha. C., também com muitas dificuldades e só enxerga na dança seu espaço no mundo, afinal fica todas as tardes numa Cia de dança para a mãe trabalhar, já que não tem idade para ficar na creche e a mãe que trabalha no comércio, chega em casa muito tarde para ajudá-lo. EM. que só sabe que o pai existe, mas nunca o viu porque ele foi preso desde o dia que ela nasceu e agora o pai virá vê-la no natal e ela vai cortar seus longos cabelos só porque ele disse que queria ver o quanto eles haviam crescido já que ela era carequinha a última vez que ele a viu. G., que vai as tardes para a oficina mecânica para ajudar o pai, este tem 7 irmãos e o pai ganha um salário mínimo e a bolsa família para sustentar todos eles, a mãe não trabalha para cuidar dos irmãos. G., está apenas no terceiro ano e já não acha sentido continuar estudando, pois tem doze anos e precisa trabalhar para ajudar em casa [...]

Essas são apenas algumas, das muitas histórias de vida que faziam parte da A33, uma turma recheada de histórias de vidas difíceis, sem vínculos entre eles devido a tantas mudanças de professor referência e tantos conflitos internos que se transformavam em agitação, agressividade e dificuldades de aprendizagem, o que Nilo Fichtner chama de “distúrbios reativos de aprendizagem”:

Uma outra situação pedagógica a ser considerada são os distúrbios reativos de aprendizagem, isto é, são aqueles que surgem no decorrer de crises situacionais, o nascimento de um irmão, a perda de um ente querido, separação dos pais, a troca de uma professora, a mudança de cidade, de escola, etc. Tais crises, devido a perdas significativas, frequentemente mobilizam ansiedades depressivas em muitas crianças e adolescentes ou, em outros casos, mobilizam alto nível de ansiedade flutuante, o que dificulta a adaptação a situações novas. As problemáticas descritas merecem considerações a nível preventivo, uma vez que mal manejadas pela família, pela escola, ou por profissionais da área de saúde mental, podem organizar-se em problemas processuais de aprendizagem, geradores da carreira de fracasso escolar. (FICHTNER, 1986, p.59)

Como diria uma professora do estágio docente, esta era uma “turma borbulhante”, que traduzia os problemas familiares em dificuldades de aprendizagem. Já que o tempo para acabar as aulas era curto e mais da metade da turma poderia não avançar para o quarto ano, a “parceria” com estas famílias foi de fundamental importância para a minha prática docente, pois muitos alunos descritos acima, também conseguiram a aprovação. Embora eu quisesse ter feito a pesquisa com todos eles, o acesso as famílias via direção escolar ocorreu com certa resistência, e, tendo em vista o tempo disponível para realizar a pesquisa, optei, por

estudar apenas a família de José. Ludke e André (1986) lembram que “determinar os focos da investigação e estabelecer os contornos do estudo decorre do fato de que nunca será possível explorar todos os ângulos do fenômeno num tempo razoavelmente limitado”(p.22). Nos tópicos seguintes irei abordar os instrumentos utilizados para a realização desta investigação.

3.1.4 Instrumentos Utilizados

Fez-se uma entrevista estruturada, tipo questionário, seguindo as categorias de análise da pesquisa de Lahire (1997), em que o autor destaca que, quanto menor for a contradição entre a cultura escolar e a cultura familiar, maior será o sucesso escolar do aluno, já que “família e escola são redes de interdependência estruturadas por formas de relações sociais específicas” (LAHIRE, 1997, p.19). Como dito anteriormente, para análise da pesquisa, o autor estabelece cinco categorias de análise que, segundo ele, atuam com maior “divergências ou consonâncias” entre as estruturas familiares e o universo escolar, e poderiam explicar as variações de desempenho dos alunos de meios populares. Nesse sentido, as perguntas da entrevista foram estruturadas, seguindo os critérios de análise da pesquisa do autor. Conforme Ludke e André (1986):

Quando o entrevistador tem que seguir muito de perto um roteiro de perguntas feitas a todos entrevistados de maneira idêntica e na mesma ordem, tem-se uma situação muito próxima da aplicação de um questionário, com a vantagem óbvia de se ter o entrevistador presente para algum eventual esclarecimento. Essa é a chamada entrevista padronizada ou estruturada, que é usada quando se visa à obtenção de resultados uniformes entre os entrevistados, permitindo assim, uma comparação imediata [...] (p.34).

Assim, foram realizadas as seguintes perguntas à família:

Formas de Autoridade Familiar

Quem o José respeita mais em casa?

Após a notificação vocês ficaram bravos?

Como foi a conversa com ele?

Na possibilidade dele repetir o ano, o que foi dito?

Do que ele tinha medo se viesse a repetir o ano? Qual seria o pior castigo?

Qual foi a motivação principal dele? Para passar de ano? Algum presente foi prometido caso ele passasse?

Condições e Disposições Econômicas

Quem mora com o José?

Qual a escolaridade dos membros da família?

Todos trabalham? Trabalham no que? Quem produz a maior fonte de renda da família?

Ele fica com quem a tarde?

Quais as tarefas dele para a tarde? Essas tarefas mudaram após a notificação da escola?

Quem faz as compras da casa? Ele participa desse movimento financeiro? Dá-se conta dos preços das coisas no mercado, ou do que dá para comprar com R\$ 20,00, por exemplo?

O José tem o costume de ir ao mercado e comprar alguma coisa sozinho?

Há outros momentos em que ele manipula sozinho o dinheiro?

Ordem Moral Doméstica

Qual foi a reação de vocês quando receberam a notificação?

Ficou combinado algum horário fixo para estudo que não havia antes?

Quais as recomendações dadas a ele para que pudesse melhorar na escola?

Quando ele não fazia as tarefas de aula, havia algum castigo? Qual?

Fizeram algum combinado? De que tipo? O que ele não poderia fazer mais em comparação ao que fazia antes?

Como foram essas combinações? Quem controlava elas?

Aos finais de semana, vocês eram mais tranquilos com a rotina escolar, ou o José continuava a ter obrigações?

Onde o José fazia as tarefas escolares? Havia silêncio?

O que acontecia na hora que ele deveria estudar? Existia uma rotina? Qual? Havia um tempo estipulado para estudo? Ele organizava o material de estudo?

O José tinha obrigações domésticas, como arrumar o seu quarto, lavar louça? Quais eram as obrigações dele em casa?

Quem organizava o material escolar dele? Como isso era feito?

Com relação ao horário de dormir, que horas ele costuma ir dormir? Vai sozinho? Precisa ser lembrado? Ele tem resistência para respeitar o horário?

E, em relação a forma de se relacionar na escola com os professores e colegas, qual as orientações que a família procura dar a ele? Percebes que ele atende? O que parece ser mais difícil para ele?

O que aconteceu para que a postura de estudo dele na escola mudasse? Quais foram os conselhos recebidos?

Formas Familiares de Investimento Pedagógico

Havia uma troca dele com o que acontecia na escola? Vocês questionavam como estava o andamento dele em aula? Se estava ou não conseguindo acompanhar as aulas? Se tinha dificuldades em algum conteúdo?

O que faziam quando ele trazia dúvidas?

Por que vocês acham importante o José estudar?

Como seria se ele tivesse reprovado? Mudaria alguma coisa na rotina dele? E da família?

Costumam comprar livros ou materiais escolares? Em que situações? Ele já pediu algum livro de presente?

O que faziam quando ele tinha dúvida? Como ajudavam?

Davam respostas prontas, ou faziam ele pensar a respeito?

Quais mudanças ocorreram na família para ajudá-lo a vencer suas dificuldades de aprendizagem depois da notificação da escola?

Após o recebimento da notificação da escola, o que mudou na rotina do José em casa?

Alguém passou ajudá-lo a fazer os exercícios da escola?

Em que momento do dia? Quem ajudava? Como acontecia essa ajuda? Com que frequência?

Qual a profissão dessa pessoa? Nível de escolaridade?

Formas Familiares de Cultura Escrita

O José passou a ter momentos de escrita? Como ocorria escrita? Era de acordo com o que a escola pedia ou vocês tinham alguma proposta?

Alguém corrigia o que ele escrevia? Havia reescrita?

Vocês têm o costume de ler, ou contar histórias para ele? Que tipo de leitura? Isso foi antes ou depois da notificação?

Quem? Em que momento e com qual frequência ocorria essa leitura ou contação?

Após a leitura, vocês conversavam sobre a história?

Na sua casa, alguém tem o costume de ler jornal, revista ou outro tipo de material? Quais materiais?

Quem gosta de ler?

Essa pessoa passa tempo com o José? Lê para ele ou com ele?

O José tem a disposição materiais escritos para ler? Quais?

Como é o acesso a esses materiais? Ele pode pegá-los sempre que tiver vontade, ou existe alguma restrição?

O José passou a ter momentos de leitura após a notificação da escola?

Como ocorriam esses momentos de leitura? Em que hora do dia, local?

O José passou a ler para alguém, a fim de acompanharem sua leitura?

O que acontecia quando ele se equivocava com alguma palavra?

Como ele vivenciava esse momento de leitura? Era prazeroso? Ou tenso?

Na sua família vocês costumam deixar bilhetes, fazer lista de compras ou ficar trocando mensagens por WhatsApp ou face book?

O José participa desses momentos? E quando há erros na escrita, qual a reação da família?

Além desses, há outra forma de leitura e escrita na família de vocês?

Você acha que após a notificação, mudou o hábito de leitura e escrita do José? Em quais momentos a leitura e a escrita foi incorporada na rotina dele?

Até que ano você estudou?

Você gostava de ir para a escola?

O que era fácil para ti?

O que era difícil?

Tinhas ajuda diante de alguma dificuldade?

Quem te ajudava?

O que lembra desse período de escola?

A entrevista foi gravada sob autorização da mãe e encontra-se transcrita, ao final do trabalho. Além da entrevista, o estudo utilizou-se da análise documental, excertos do diário de campo reflexivo (DCR), como fonte de dados para posterior análise. O DCR é um documento, escrito sob orientação da equipe de estágio da UFRGS, em que consta todo o trajeto do período de estágio docente. Neste documento, ficam registrados: o diagnóstico inicial realizado com os alunos, o projeto didático para o período de estágio, o embasamento teórico das escolhas utilizadas, o planejamento semanal, as reflexões teóricas realizadas a cada semana, as avaliações, algumas produções dos alunos e uma reflexão final do que foi esse período de estágio. Tal documento torna-se uma “fonte poderosa de informação”, como destacam Ludke e André (1986):

Os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador. Representam ainda uma “fonte natural” de informação. Não

são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse contexto. (p.39).

Desse modo, a pesquisa procurará relacionar a entrevista realizada com a família do aluno com as aprendizagens discentes e as reflexões realizadas pela pesquisadora como professora estagiária deste aluno. No tópico seguinte irei apresentar as aprendizagens iniciais e finais de José no período do estágio docente.

3.1.5 Aprendizagens Discentes

No início do estágio, José tinha muitas dificuldades na escrita e na leitura, não conseguia interpretar os enunciados das atividades e dos problemas matemáticos, também demonstrava falta de compreensão dos conceitos de adição, subtração, multiplicação como soma de parcelas iguais e divisão de parcelas iguais. Foi necessária muita intervenção individual, com os colegas e a ajuda da família para ele conseguir fazer cálculos e interpretar enunciados com autonomia.

Apresento um fragmento do diário de campo, sobre o diagnóstico inicial do menino:

Ele sabe ler, mas tem dificuldades de compreender o que leu, possui dificuldades em construir frases, organizar e pontuar parágrafos, e na ortografia. Na matemática, conta um a um e se perde nos cálculos, não consegue subtrair, não compreende a multiplicação como soma de parcelas iguais, nem a divisão. (DCR - Perfil da Turma)

Destaco na página seguinte, uma produção de texto inicial do aluno. Neste texto, as frases estavam sem sentido completo, e ele evidenciava muitos erros ortográficos, trocando o “G” pelo “C”, escrevendo “lecal” em um primeiro momento e “legal” no segundo. Trocou o “D” pelo “T”, quando escreveu “quanto termina” e “pote jogar”, entretanto, utilizou corretamente as mesmas letras ao escrever “todo” e “todos” nas outras linhas. Também trocou o “S” pelo “C”, quando escreveu “Quace” e o “C” pelo “S” quando escreveu “Parisia”. Além da oralidade estar presente na escrita, nas palavras: “Ouvi” e “Parisia”.

Figura 01 – Produção de Texto Inicial de José

	APRESENTAR A TURMA:			
→	* ESSA	TURMA	E LACAU	ASSI SAKÉ
	POK QUE	EU	FUI PARA	ESSA TURMA POR
	QUE ESSA	TURMA	E MUITO LEGAU	
	QUA*E	TODO	PIA	
	O QUE ACONTECEU DURANTE O ANO NA TURMA A 33?			
→	OVNI	JOGOS	QUANTO	TERMINA
	DO TRABALHO	EU	POTE	JOGAR
	EU	AIACHU	QUE	
	FINALIZE A HISTÓRIA DEIXANDO UMA MENSAGEM PARA OS COLEGAS:			
→	MEUC	AMIGOS	DE	EU
	PARISIA	COM	MEUS	IRMAOS
	SÃO	AMIGOS		TODO

Fonte: Arquivo Pessoal

Já na produção de texto final, José ainda precisava avançar na pontuação, entretanto, demonstrou um grande avanço na reflexão que fez na ortografia das palavras, na construção das frases com sentido completo e na relação da oralidade com a escrita.

Figura 02 – Produção de Texto Final de José

TRABALHAR EM GRUPO	E
MUITO BOM. E EU TENHO	G
SEIS AMIGOS MEU GRUPO	E
O MAS O MENOS VARIAS	
ATIVIDADES SÃO LEGAIS	MUITO LEGAL
AS BRINCADEIRA E ESSA TURMA	
É A MELHOR ESCOLA DO MUNDO	
EU GOSTO DE CONVIVER COM	
MEU COLEGAS E GOSTO DO COLEGAS	
E GOSTO DOS COLEGAS DO OUTRO	
GRUPO SE EU PASAR EU CHORO DE	
ALEGRIA SE EU RODA EU CHORO	

Fonte: Arquivo Pessoal

No entanto, o que mais chamou a atenção no avanço de José, foi a compreensão e interpretação dos textos, a resolução dos problemas matemáticos e dos conceitos das quatro operações (adição, subtração, divisão e multiplicação), conforme apresento abaixo, descritas nas figuras três, quatro e cinco.

Figura 03 – Resolução de Problema Matemático

c) A professora Suzana convidou muitos amigos para comemorar sua festa de aniversário. Convidou 25 professoras do [] , 30 vizinhos e 58 parentes. Ao todo, quantas pessoas ela convidou?

Faça o cálculo aqui:

$$\begin{array}{r} 1 \\ + 30 \\ 25 \\ \hline 58 \\ \hline 103 \end{array}$$

Resposta:

CENTO E TRÊZE

Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 04 – Interpretação de Texto

PARAFUSOS

O tio Jonho tem dois amigos, o Javenal e o Tofias.
O Javenal, certa vez, perdeu uns parafusos na cabeça e foi até a padaria pelado. Chegando lá, encontrou o amigo Tofias, que também tinha perdido uns parafusos, mas ao contrário, foi vestido com um montão de roupas. Ele estava usando 48 calças e 53 camisetas.

1. Quantas peças de roupa Tofias estava vestindo?
Arme o cálculo e efetue:

$$\begin{array}{r} 48 \\ + 53 \\ \hline 103 \end{array} ?$$

2. Explique o problema de cada um dos amigos do tio Jonho:

JAVENAL PERDEU UNS PARAFUSO O TOFIAS
TAMBEM e

3. O que Javenal fez?

FOI NA PADARIA PELADO COMO UM MALUCO e

4. Tofias estava pelado?

NÃO e

5. O que significa perder uns parafusos?

SIGNIFICA QUE ELE PERDEU A CABEÇA

Fonte: Arquivo pessoal

A atividade acima demonstra que ele encerrou o ano conseguindo ler com autonomia e compreender o que estava explícito e implícito no texto, um dos requisitos que ele precisava alcançar para ser promovido para o quarto ano, sendo que no início do estágio ele não conseguia ler e interpretar o que leu.

Na última atividade que apresento, o menino precisou resolver vários cálculos com o objetivo de identificar se conseguia realizar subtração simples, subtração com empréstimo, adição simples, adição com transporte, desenvolver o conceito de multiplicação como soma de parcelas iguais e divisão em parcelas iguais.

Mesmo não estando todos os cálculos corretos, em quase todos, José fez o raciocínio corretíssimo das quatro operações. Na operação de subtração de três algarismos, mesmo não conseguindo subtrair adequadamente, ele fez o empréstimo de forma correta. Na adição conseguiu fazer todos os transportes. Na divisão e multiplicação, utilizou os círculos como estratégia, demonstrando que domina perfeitamente bem, não só o conceito, como o algoritmo destas operações. Apenas na subtração, ele demonstrou que ainda necessitava avançar um pouco mais, fazendo a operação sempre do maior para o menor, independente do lugar que o número ocupava.

Figura 05 – Cálculos

Arme e efetue os seguintes cálculos:

$45 + 22 =$ $\begin{array}{r} 45 \\ + 22 \\ \hline 67 \end{array}$	$87 + 28 =$ $\begin{array}{r} 87 \\ + 28 \\ \hline 115 \end{array}$	$64 + 38 =$ $\begin{array}{r} 64 \\ + 38 \\ \hline 102 \end{array}$	$535 + 111 =$ $\begin{array}{r} 535 \\ + 111 \\ \hline 646 \end{array}$
$90 - 15 =$ $\begin{array}{r} 90 \\ - 15 \\ \hline 75 \end{array}$	$65 - 11 =$ $\begin{array}{r} 65 \\ - 11 \\ \hline 54 \end{array}$	$72 - 54 =$ $\begin{array}{r} 72 \\ - 54 \\ \hline 18 \end{array}$	$534 - 117 =$ $\begin{array}{r} 534 \\ - 117 \\ \hline 417 \end{array}$
$12 \div 3 =$ $\begin{array}{r} 12 \overline{) 3} \\ \underline{00} \\ 00 \end{array}$	$14 \div 2 =$ $\begin{array}{r} 14 \overline{) 2} \\ \underline{14} \\ 00 \end{array}$	$24 \div 4 =$ $\begin{array}{r} 24 \overline{) 4} \\ \underline{24} \\ 00 \end{array}$	$18 \div 3 =$ $\begin{array}{r} 18 \overline{) 3} \\ \underline{18} \\ 00 \end{array}$
$3 \times 12 =$ $\begin{array}{r} 12 \\ \times 3 \\ \hline 36 \end{array}$	$2 \times 14 =$ $\begin{array}{r} 14 \\ \times 2 \\ \hline 28 \end{array}$	$3 \times 99 =$ $\begin{array}{r} 99 \\ \times 3 \\ \hline 297 \end{array}$	$3 \times 124 =$ $\begin{array}{r} 124 \\ \times 3 \\ \hline 372 \end{array}$

Fonte: Arquivo Pessoal

Para compreender quais foram os manejos da família que possam ter contribuído para os avanços destas aprendizagens escolares evidenciadas pelo menino, apresento no tópico seguinte, a análise da entrevista realizada com a família.

4 ANÁLISE

Escolho trazer alguns trechos da entrevista para analisar. Esta foi previamente agendada pela diretora da escola com a mãe do menino e realizada em uma sala de aula vazia cedida pela direção. José e o irmão menor ficaram ao lado da sala de aula, brincando no pátio da escola, no período da entrevista e, em alguns momentos subiam na janela para chamar a nossa atenção. A mãe do menino pareceu ser uma pessoa tranquila e amorosa com os filhos e eles pareceram ser crianças felizes, pois se divertiram muito sozinhos, mesmo sem brinquedos para brincar e, em nenhum momento interromperam a mãe por algum conflito entre eles.

Com o objetivo de averiguar quais foram as possíveis condutas e intervenções da família de José que pudessem ter contribuído para que ele avançasse nas aprendizagens escolares, inicio a análise da entrevista, investigando a categoria formas familiares de cultura escrita.

Lahire (1997), diz que “O fato de ver os pais lendo jornais, revistas ou livros pode dar a esses atos um aspecto “natural” para a criança” e criam uma identidade social, “ser adulto como seu pai ou sua mãe significa, naturalmente, ler livros” (p.20). Nessa perspectiva, observo os seguintes comportamentos da família, trazidos na entrevista: o fato de o menino ver o pai lendo o jornal e fazendo cruzadinha; a mãe lendo os “livros de adulto”, a bula de remédios ou fazendo a lista de compras; de terem na sala da casa uma estante de gibis e livros infantis; as idas na livraria do Shopping em que ele podia escolher e ler para o irmão o livro que quisesse, mesmo que não pudessem comprá-los, e também dos momentos lúdicos com esse irmão em que ele deixava a imaginação fluir inventando histórias. Estes eventos parecem aproximar José do hábito e do prazer da leitura, e podem ter cooperado para deixar o menino ainda mais familiarizado e motivado nos momentos de intervenção individual que eram realizados com ele na sala de aula.

Destaco abaixo, alguns excertos da entrevista, que relatam estes momentos:

[...] às vezes eu estava lendo jornal, eu costumo ler livros, daí livros de adulto né, e ele queria ler também, não entendia muitas coisas, mas eu deixava ele ler, pode pegar o que tu quiser para ler, não tem problema.

Ele perguntava o que era aquela palavra, e as que eu sabia eu respondia, isso quer dizer isso, mas as que eu não sabia, eu dizia, a mãe não sabe filho, por exemplo da bula assim, ali tem muitas coisas que eu não sei o que é.

Ele tem a troca né, ele ainda faz a troca F pelo G do P e do B, então mesmo ele vendo, ele lê errado, por exemplo, problema, ele troca, coloca o b na frente, daí eu corrigia ele. Não meu amor não é assim, é parecido, mas não é assim.

Eles inventam, no caminho que a gente vem trazer ou buscar na escola, eles começam a contar histórias. Às vezes alguma coisa que eles vêem. Eles gostam muito de futebol, eles contam muita história de futebol, daí inventam história. Se eles lêem um livrinho, a partir daquele livro eles inventam uma história, em cima daquilo ali.

[...] ontem o pequeno pegou o “Bruxa, Bruxa”. Então o que eles fizeram, eu achei muito interessante, eu li para eles, depois o José leu para o pequeno e a partir daquele ali. Eles começaram a brincar, Bruxa, bruxa só pode vir se trazer...Só que eles já não liam o que estava ali, eles inventavam, ontem foi assim, eles estavam um máximo na leitura!

Leio muitas coisas sobre pais e filhos, “Içami Tiba”, já li o livro “Criando Meninos”, depois que tive eles, mais esse mundo mesmo. Como criar filhos, porque o José teve alguns problemas no passado, em outra escola, aí eu me assustei um pouco comecei a ler sobre isso, aí hoje como as coisas estão mais calmas, é romance, ficção, Sidnei Sheldon, desde a minha época de colégio eu gostava dessas coisas, hoje eu estou mais no romance, em um tema mais light mesmo.

A gente tem a estante na sala, que tem muita revista, muito jornal. Eles têm uma pilha de uns 20 gibis, historinhas, aqueles “Sesinho”, tudo que é infantil e a gente ganha, eu vou guardando e colocando ali. Daí vira e mexe eles abrem, lêem, vêem [...]

Ele vê muito quando eu estou fazendo listas de compras. O pai é mais lendo, só quando é cruzadinha no jornal, daí ele olha, mas ainda não entende, por mais que eu já tentei explicar, mas ele não entendeu. É mais a lista de compras mesmo, eu faço a lista, e estou limpando o armário, daí o caderno fica em cima da mesa e ele começa a ler o que eu escrevi.

Quando vocês começaram a falar das dificuldades dele, toda vez que vinha algum trabalho, por exemplo, de responder alguma coisa de um texto. Ele ia direto procurar a resposta, ele não lia o texto. Daí eu dizia, para ti entender tu tem que ler tudo filho, aí ele começava a ler, daí eu acompanhava a leitura para ver como estava a leitura dele. Até hoje, qualquer trabalhinho ou tema ou alguma coisa que ele tenha que passar a limpo eu peço para ele ler, para ver se ele está entendendo.

Ele lê mais os livros da escola, que pega na biblioteca [...]

Eles adoram uma livraria! Quando eu vou no shopping pagar contas, eles ficam um tempão lá vendo os livros. Às vezes tento fugir, mas não dá, a gente tem que deixar eles irem um pouco na livraria, as vezes só vou rapidinho numa lotérica, mas não dá. Eles sentam naqueles pufes, daí o pequeno não sabe ler e o José lê para o pequeno, eles escolhem os livros para ler. Eles ficam fascinados pelos livros. Quando tem feirinha na escola também, eles amam!

Estes trechos ilustram o que Lahire chama de “construção de disposições, conhecimentos e habilidades” (p.342) neste caso, para aprimorar a escrita e a leitura.

Há, pois, um grande número de situações nas quais a criança é levada a construir disposições, conhecimentos e habilidades em situações “organizadas” - não conscientemente – pelos adultos e sem que tenha havido verdadeiramente “transmissão” voluntária de um conhecimento. (LAHIRE, 1996, p.342)

Podemos verificar que alguns destes conhecimentos foram realizados explicitamente pela família, como no acompanhamento da leitura, nos significados das palavras e nos sons das letras. E outros, construídos implicitamente, tais como: os pais lendo livros e jornais, os momentos de leitura com o irmão, no shopping e nas histórias inventadas, o fato de ver a mãe fazendo listas de compras, ou lendo a bula de remédios, o pai fazendo a cruzadinha, os gibis na sala de casa e a rotina de pegar livros na biblioteca da escola. Vivências estas que possibilitaram o que Lahire chama de construção do conhecimento:

Quantos conhecimentos e habilidades construímos sem saber, sem que alguém nos tenha dito: “Veja, hoje nós vamos aprender a fazer isso ou aquilo...”? Se pudermos datar aproximadamente o momento em que aprendemos a ler e a escrever(“Eu aprendi a ler mais ou menos com 5 anos”), porque, neste caso, estamos diante de um saber objetivado, construindo um conhecimento explícito em nossas formações sociais, e ensinando em situações formais de aprendizagem.

Ao analisar esta categoria, percebo que houve um grande investimento da família para ajudar o José a avançar nas aprendizagens escolares, a mãe fez o que pôde, mesmo diante da falta de recursos financeiros, de tempo e do conhecimento pedagógico de como deveria ser feito.

Na categoria, condições e disposições econômicas, verifico que a família de José administra com segurança e organização suas finanças, isso se acentua quando a mãe revela sua preocupação quanto ao gasto financeiro que tiveram com sapatos e materiais escolares ao longo do ano letivo para que ele pudesse estudar e o menino estava desperdiçando, conforme este trecho da entrevista:

Fiquei falando do tênis que ele gastou, do lanche, da roupa, dos materiais, do tempo, tudo que investimos e ele jogou fora [...]

Ou do pedido dele para comprar um jogo de R\$12,00 e seu exemplo das coisas que daria para comprar com esse valor. A passagem da entrevista exemplifica um pouco esta ideia:

Agora ele queria comprar um jogo na internet que era R\$ 12,00. Daí eu disse agora a mãe não pode, tem que esperar porque não saiu meu dinheiro ainda. Mas ai ele me disse, mas não dá pra comprar nada com R\$12,00. O que dá pra comprar? Eu comecei a dizer, ai ele questionou, quanto custa tal coisa? Começou a contar, ai se deu conta que dava para comprar várias coisas com R\$ 12,00.

Tais achados vinculam os conceitos do autor:

Para que uma cultura escrita familiar, ou para que uma moral da perseverança e do esforço possam constituir-se, desenvolver-se e ser transmitidas, é preciso certamente condições econômicas de existência específicas. (LAHIRE, 1997, p.24)

Nesta forma de organização econômica, a família vai incutindo em José que para conseguir algo é necessário trilhar um caminho de esforço e determinação, e que ele não poderá ter o almejado se não houver essa opção. Ou seja, o menino precisava empenhar-se, caso quisesse avançar para o próximo ano e desfrutar dos benefícios que isso traria a ele. Conforme as palavras da mãe:

“Olha filho, o que tu vai perder, vamos estudar, vamos fazer laboratório de aprendizagem agora.” Daí eu comecei a puxar ele em casa, puxava bastante, mais do que nunca, mesmo que eu tava trabalhando, puxei muito ele, cortei o videogame, a gente vai ler, vamos fazer conta, o que tu não consegue, o que tu não entende, a gente vai te ajudar, e fomos assim, nos últimos três meses, que foi quando recebemos a notificação, foi ápice aquele né, então a gente foi em cima

Na categoria, formas familiares de investimento pedagógico, examino as várias estratégias da mãe para ajudar José a avançar nas suas dificuldades de aprendizagem, entre elas, saliento os ditados realizados enquanto a mãe lavava a louça, em que após ditar e corrigir as palavras, ela reescrevia essas palavras em folha de ofício para que ele visualizasse a forma correta de escrita e, alguns dias depois, ela solicitava novamente a reescrita das palavras estudadas. Destaco também, os prêmios que ela inventava para motivá-lo a aprender como uma

sobremesa favorita, ou uma cartela de adesivos. Destaco abaixo, o trecho que exemplifica esta análise:

Então o que eu fazia muito com ele era ditado, enquanto eu estava lavando a louça, ele sentava na mesa e eu dizia vamos lá! Vamos lá! Vai aí que a mãe vai te dar uma estrela, eu comprei uma cartelinha de adesivos, dava adesivos para ele e ele ficava bem feliz. Dizia “ Ó vou te fazer um doce, então vamos lá! ”

Além dos momentos de realização dos temas em que havia leitura e escrita, a mãe estimulava a reflexão sobre os sons das letras, criando assim uma “consonância” entre as estratégias da família e as propostas em sala de aula. Apresento abaixo, a parte da entrevista que demonstra esta estratégia:

Daí eu dizia: “Fala a palavra, fala várias vezes e vê o som de que tem! ” Mas ele é muito assim, de esperar a resposta. Ele dizia D? então é B? Para mim dizer a resposta, até hoje ele é assim. Nós estávamos fazendo as continhas, e ele ficava tentando adivinhar o resultado. Eu dizia para ele não é para adivinhar, é para falar, para se esforçar. Se ele errava três, tinha que fazer de novo até acertar, se eu visse que ele estava com muitas dificuldades eu escrevia bem grande numa folha para ele ver, depois de um dia, dois eu fazia de novo aquelas palavras, até ele conseguir. A gente não sabe bem como fazer, exatamente como uma professora faz, a gente tenta do jeito que aprendeu né.

Como a mãe disse: “A gente não sabe bem como fazer, exatamente como uma professora faz, a gente tenta do jeito que aprendeu né”. Mesmo sem saber, ela estava investindo na consciência fonológica, estimulando o menino a pensar nos sons das letras, conforme o trecho acima e, incentivando a memória para cálculos básicos, conforme o trecho abaixo, em que ela instiga José a resolver cálculos mentais.

[...] a mãe vai vir do serviço e vai te dar alguma coisa, vamos lá, vamos se esforçar e assim foi indo. As continhas sempre tentando de cabeça as mais fáceis né, 1+1, 2+2, 3+3, e assim foi indo, meio que, vamos ajudar para ano que vem pelo menos fazer de novo, mas melhor, porque a gente chegou a uma fase que ali ajudando ele eu via que não ia, parecia que ele não ia adiante.

Estes investimentos da família podem ter contribuído para diminuir os erros ortográficos e o avanço do menino nos cálculos matemáticos. Tais aspectos evidenciam uma forma adequada de investimento pedagógico:

O investimento pedagógico pode tomar formas mais ou menos rigorosas e sistemáticas, mas pode, sobretudo, operar-se segundo modalidades mais ou menos adequadas, para atingir o objetivo visado. Os efeitos sobre a escolaridade da criança podem variar segundo as formas para incitar a criança a ter “sucesso” ou a estudar para ter “sucesso”, segundo a capacidade familiar de ajudar a criança a realizar os objetivos que lhe são fixados. (LAHIRE, 1997, p.29)

Todo esforço e incentivo da família para ajudá-lo a avançar nas dificuldades de aprendizagem e evitar uma reprovação, validam a importância que a família de José dava aos estudos, a mãe contou que achava importante estudar para tudo que fosse fazer na vida e que “não se vai a lugar algum sem estudo.” Verifica-se isso, na fala dela, através deste excerto da entrevista:

Sempre aprendi desde pequena, que tu não vai a lugar nenhum se não estudar. E isso eu falo pra ele: “ Tu vai a lugar nenhum se não estudar! Tu não vai ser nada! O que tu vai ser da vida? Tu vai roubar? A gente mora num lugar perigoso, e sempre que a gente vê alguma coisa triste, a gente diz: “Olha aí, o que acontece com quem não estuda, quem não obedece os pais, viu no que dá! ”

Na categoria, formas familiares de autoridade familiar é a mãe quem exerce maior autoridade sobre os filhos e ela concorda com a forma que a escola orienta os alunos. Durante a entrevista, ela comentou ter sido chamada pelo SOE⁶, devido ao conflito entre José e um colega da turma, e ela demonstrou ter ficado furiosa com ele nesta ocasião, retirando completamente tudo o que ele gostava de fazer. Este trecho exemplifica um pouco a reação da mãe:

Daí foi bem forte mesmo, porque acho que isso no futuro é uma coisa bem problemática, fazer bullying, querer bater no colega por achar que ele é diferente, esse tipo de coisa, a gente é totalmente contra isso. Então daí sim, eu cortei radicalmente! Sem videogame, sem jogar bola na rua, só em casa, só podia ver desenho, comer e dormir cedo, foi bem forte. E a gente mudou com ele, a gente passou a agir mais firme, falar mais sério, ser mais duros com ele, sem excluir ele, mas falando de forma mais seca: “Tu fez tudo na aula? Como tu te comportou? Teve alguma coisa nova hoje?” E todo dia eu pegava ele pela mão e ia para casa, tratando ele bem sério, se ele pedisse alguma coisa, era não, dizia que enquanto ele não aprendesse a se comportar ele não iria ganhar nada, não iria brincar, e assim foi, daí não veio mais nada de reclamação, graças a Deus. E depois disso, ele vinha e me contava, mãe sabia que hoje eu conversei com o colega e brinquei com ele no recreio.

Esta parte da entrevista ilustra de certo modo, as relações tradicionais de “parceria” entre a escola e família, em que os pais só são chamados pela escola para falar do comportamento dos alunos, as questões de aprendizagens geralmente

⁶ Serviço de Orientação Escolar

ficam em segundo plano ou são deixadas para casos extremos em que o aluno possa vir a ser reprovado. Contudo, a autoridade familiar precisa ser acionada, pois a escola espera que os alunos sejam “autônomos”, ou seja, que já tenham interiorizado regras e bom comportamento em casa, e quando isto não ocorre, a família precisa fazê-lo.

A escola desenvolve nos alunos e supõe de sua parte o respeito às regras escolares de comportamento. O comportamento daqueles que respeitam por si mesmos essas regras é frequentemente classificado como autônomo (a autonomia é considerada a capacidade de seguir sozinho pelo caminho certo e da maneira certa), e opõe-se ao comportamento daqueles a quem é preciso, incessantemente lembrar as regras e que demonstram pouco espírito de autodisciplina, de self-direction. As diferentes formas de exercício da autoridade familiar dão relativa importância ao autocontrole, à interiorização das normas de comportamento. (LAHIRE, 1997, p.28)

Dessa forma, tanto a autoridade familiar quanto às regras da escola onde o menino estudava pareciam coexistir em equilíbrio na vida de José, pois mesmo que ele “transgredisse às regras”, existia uma parceria entre as partes a fim de ajudá-lo a refletir sobre o seu comportamento inadequado.

Na categoria, ordem moral doméstica verifica-se novamente a importância que a família manifesta para a aprovação da criança, tomando medidas desafiadoras para fazê-lo avançar, deixando-o de castigo sempre que viesse algum bilhete ou algo incompleto da escola e a dúvida de perder as férias na praia, conforme esse relato da mãe:

Eu e meu marido íamos tirar férias juntos, já estávamos combinado de ir para a praia, e a gente dizia que ele não iria ir junto, que ele ficaria com a avó, daí ele se assustou. Ele falou o ano inteiro na praia, e a gente dizia: “Tu não vai ir! Tu não vai pra praia!” Claro que a gente não faria isso, mas ameaçamos ele que se ele não mudasse era isso que aconteceria.

E, também, frisaram o que significaria para ele ser reprovado, fazendo uma projeção de ver o restante da turma avançando para o quarto ano e ele permanecendo no terceiro ano, além de ser o primeiro da família que viveria esta experiência, conforme este trecho da entrevista:

Ele ficou com o pensamento de que os colegas mudariam e ele não. De que ele seria o mais velho, que teria crianças menores na turma dele. Fiquei falando do tênis que ele gastou, do lanche, da roupa, dos materiais, do tempo, tudo que investimos e ele jogou fora, Dizia quando tu tiver na oitava ou no primeiro ano, tu vai ser sempre o repetente. “Eu já repeti!” Eu dizia para ele: “A mãe nunca repetiu, nem o pai, nem o mano, daí tu vai ser o primeira da família que já repetiu.”

Dessa forma, verifico que após a notificação, a família se mobilizou para ajudar o menino a superar as dificuldades de aprendizagem, demonstrando ser a educação dos filhos um grande valor para eles. Lahire ressalta que atualmente, “o diploma se torna uma condição necessária (mesmo que insuficiente) de entrada no mercado de trabalho” (p.256), e que com a crise do emprego, o fracasso escolar traz um peso para as famílias de meios populares, pois este se traduz, em fracasso social, por isso, há tanta mobilização de algumas famílias de meios populares que vêm no sucesso escolar, o sucesso profissional dos filhos.

[...] o fracasso escolar ganha, imediatamente, o sentido de uma relegação socioeconômica, e os pais dos meios populares, vão pouco a pouco e em graus diferentes, conforme os recursos e as trajetórias familiares, investir na escola como um importante desafio. Em certos casos, a escola até pode invadir a família, que, com isso, destina a maior parte dos seus esforços e de suas atenções para a criança. (LAHIRE, 1997, p.256)

E, assim, só podemos compreender o avanço escolar de José se reconstruirmos esta rede de interdependências familiar através da qual ele constituiu seus esquemas “de percepção, de julgamento, de avaliação, e a maneira pela qual estes esquemas” reagiram na escola. (p.19)

Desse modo, ao analisar a entrevista com a família de José, buscando referência nas categorias de análise da pesquisa de Lahire (1997), verifico que muitos aspectos estavam presentes e agiram em consonância entre a família e a escola, pois ambas, mobilizaram esforços para que o aluno obtivesse a aprovação, e isto de certa forma, deve ter motivado o aluno a aprender, colaborando para os avanços na sua aprendizagem escolar.

Nessa perspectiva, o horário sistemático de fazer as atividades escolares, a ajuda constante na realização do tema, os momentos de reflexão sobre os significados das palavras, os ditados, as leituras, as reflexões sobre os sons das letras, as reescritas das palavras até que ele conseguisse compreender e as atividades de resolução mental das contas, foram as contribuições da família, após a notificação escolar, que contribuíram para o avanço das aprendizagens escolares de José.

Do mesmo modo, o valor que a família dava ao estudo, através das reações de alegria de todos os membros, quando ele conseguia superar as dificuldades de

aprendizagem, comunicaram ao menino uma maneira diferente de encarar os desafios escolares. Abaixo destaco um trecho da entrevista que exemplifica estes momentos:

Quando ele acertava a gente ficava muito feliz. Quando vinha elogio para casa de que ele melhorou, quando a senhora disse que ele estava melhorando, nossa a gente ficou muito feliz, ele ficou muito faceiro, meu mais velho conversava com ele e dizia: “Olha ai viu!” Eles sempre foram muito unidos, apesar da diferença de idade.

Entretanto, como diz Lahire (1997), a criança não reproduz a maneira de agir da família, mas as ações dela “são reações que se “apoiam” relacionalmente nas ações dos adultos que, sem sabê-lo, desenham, traçam espaços de representações possíveis para ela.” (p.17)

Nessa direção, reconstruindo esta rede de interdependência com a família e olhando para a aprendizagem pelo viés da Psicopedagogia, vinculo o estudo de Macedo (1994), que diz: “sendo o desenvolvimento um processo global, qualquer dificuldade está relacionada tanto a características próprias da criança quanto a atitudes da família e da escola ” (p. 199)

Conforme justificam Golbert e Moojen (1996), tais relações, no entanto, não são estabelecidas de forma linear de causa e efeito. Mas, como destaca Corso (2011), a aprendizagem é um processo dinâmico que envolve o ritmo e a motivação do aluno. Mesmo bem-intencionada, em alguns momentos, a família pareceu não respeitar este ritmo e talvez o tenha desmotivado. Pode ter havido nestes casos, uma “distorção entre os fins visados e os meios utilizados para alcançá-lo” (Lahire, 1997, p.334). Como mostram estes excertos da entrevista:

Tu vai a lugar nenhum se não estudar! Tu não vai ser nada! O que tu vai ser da vida? Tu vai roubar? A gente mora num lugar perigoso né, e sempre que a gente vê alguma coisa triste, a gente diz: “Olha aí, o que acontece com quem não estuda, quem não obedece os pais, viu no que dá!”

Conversamos que ele ia rodar, que ele estava se comportando mal na escola, a gente fez todo um, um apavoramento mesmo. A gente pensou, vamos apavorar esse guri, para ver se ele dá um jeito de melhorar. A gente apavorou ele mesmo, ele se assustou!

Dizia quando tu tiver na oitava ou no primeiro ano, tu vai ser sempre o repetente. “Eu já repeti!” Eu dizia para ele: “A mãe nunca repetiu, nem o pai, nem o mano, daí tu vai ser o primeira da família que já repetiu.”

Eu e meu marido íamos tirar férias juntos, já estávamos combinado de ir para a praia, e a gente dizia que ele não iria ir junto, que ele ficaria com a avó, daí ele se assustou. Ele falou o ano inteiro na praia, e a gente dizia: “Tu não vai ir! Tu não vai pra praia! ” Claro que a gente não faria isso, mas ameaçamos ele que se ele não mudasse era isso que aconteceria.

Assim, é fundamental compreender que, existem muitos fatores envolvidos na aprendizagem, “uma trajetória individual e um ritmo maturacional próprio de cada pessoa que necessita ser respeitado” (CORSO, 2011, p. 65). E mesmo compreendendo e valorizando os esforços e atitudes da família no desenvolvimento da aprendizagem escolar do aluno, ela “muitas vezes age de uma forma disfuncional como uma forma de absorver as dificuldades relacionais, usando mecanismos de adaptação para a manutenção de sua estabilidade, ainda que esta seja pouco saudável” (MACEDO, 1994, p. 199).

Cabe frisar que, pensar nas ações da família para ajudar os alunos a avançarem diante das dificuldades de aprendizagem, requer pensar nas multiplicidades de fatores e de situações complexas que envolvem a aprendizagem, sem esquecer que “a família é a matriz dos pré-requisitos necessários para a aprendizagem e adaptação escolar” (FICHTNER, 1986, p. 63). Por isso, muitas atitudes da família, mesmo não sendo determinantes, interferem na aprendizagem dos alunos e os pais, por desconhecerem o processo de aprendizagem, acabam tendo atitudes, muitas vezes bem-intencionadas, mas que atrapalham o desenvolvimento das crianças.

Dessa forma, não será suficiente apenas o investimento da família, mas como se dará esse investimento no meio familiar. Em direção similar, o tópico seguinte propõe-se a abordar a relação da família com a aprendizagem escolar do aluno.

4.1 RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA

Ao refletir sobre a relação família e escola, percebo que esta relação, muitas vezes é uma relação permeada por desconfiança e conflitos, principalmente quando o que está em jogo é a dificuldade de aprendizagem do aluno. Há, em certa medida, um “jogo de empurra-empurra”, para decidir de quem é a responsabilidade dessa dificuldade, o que faz com que, muitas vezes, professores e familiares prefiram tentar isoladamente ajudar os alunos sem que haja alguma “parceria” entre as partes

envolvidas. Como diz Nogueira (2015), falar de “parceria” é querer usar um discurso idealizado, já que na prática isso não acontece.

Mas penso também, que quando um professor fala de “parceria” ele acredita que a família entenderá o que ele está querendo comunicar. Talvez seja algo inconsciente por parte dos professores, porque, para nós que estudamos sobre educação, algumas ações são tão óbvias e banais que não necessitariam explicações, mas para os pais, talvez, seja um problema tão grande e difícil de resolver quanto pedir para um professor, que não tem conhecimento a respeito, catalogar livros em uma biblioteca. Talvez um bibliotecário pense: “Mas vocês não trabalham com livros, como não sabem catalogar?” Existem conhecimentos específicos adquiridos em cada profissão e que, se você não comunicar ao outro o que deseja que ele faça, ele certamente não adivinhará, e tentará fazer do jeito que acha que é certo, do jeito que viu alguém fazer, o que muitas vezes pode ser uma tentativa extremamente equivocada, por mais bem-intencionada que seja.

Fichtner (1986) aponta que “a família é a matriz dos pré-requisitos necessários para a aprendizagem e adaptação escolar” (p.63). E uma vez estabelecido o fracasso escolar, ele pode gerar na criança uma série de manifestações psicológicas, tais como: hiperatividade, baixa tolerância a frustração, desmotivação para o estudo, e um alto nível de ansiedade que predispõe a condutas inadequadas e a manifestações que convergem para a desadaptação escolar. Nesse ponto a família pode contribuir tentando amenizar a ansiedade do fracasso escolar e estimulando o aluno, a fim de evitar essas manifestações psicológicas.

Ao observarmos a pesquisa de José, no ponto em que a mãe diz que falava para ele que ele seria o único da família a fracassar, imagino, que isso, possa ter gerado no menino uma série de manifestações psicológicas que o levou a ficar apático muitas vezes, em sala de aula, negando-se a fazer as tarefas e também agredindo fisicamente os colegas, algo que antes não ocorria no ambiente escolar.

Logo em seguida, a mãe decide ajudá-lo, incentivando-o a aprender, prometendo sobremesas e adesivos, o que o leva a mudar a postura psicológica de fracasso e passa, então, a tentar predispor-se a aprender e, em seguida, ele passa a obter pequenos avanços.

Nas primeiras aulas em que ele decide mudar a postura, de não mais negar-se a fazer as atividades, mas de tentar fazê-las, eu já encaro como um grande avanço em sala de aula e, imediatamente, elogio José ao pai, que deve ter

repassado a mãe e isso pode ter mudado a maneira como a família conduziu as intervenções, o que pode ter contribuído com as motivações do José para aprender.

Não há como definir causa e efeito na questão da aprendizagem, pois como já dito, falar de aprendizagem é tratar de um tema complexo que envolve uma multiplicidade de fatores, entre os quais está a família não como determinante ao sucesso ou o fracasso escolar, mas como uma parte do todo, Golbert e Moojen (1996).

Obter ajuda dos pais como parceiros na aprendizagem escolar dos filhos, requer estar atenta a falta de conhecimento pedagógico dos pais que os levam, muitas vezes, a agir de maneira equivocada para obter o avanço escolar dos filhos. Assim, como dito por Perez (2009), é necessário que o professor assuma a liderança da relação, planejando como fará para solicitar essa “parceria” e o que deverá solicitar a fim de evitar que a família utilize meios inapropriados.

Sem esquecer que muitos pais trabalham no horário comercial e até mesmo aos sábados, e isso justifica em grande parte a ausência deles na escola. Assim, é indispensável romper com a visão de que os pais não se interessam pelas aprendizagens dos filhos só por não estarem presentes na escola. Como dito por Lahire (1997), isto é uma tremenda injustiça, pois quase todos os pais investigados “têm o sentimento de que a escola é algo importante e manifestam a esperança de ver os filhos “sair-se” melhor do que eles” (LAHIRE, 1997, p.334). O autor diz ainda que a omissão dos pais é um “mito”, e que a participação dos pais na escola não garante o sucesso escolar dos filhos, visto que, em muitos casos de fracasso escolar, os pais estavam sempre presentes nas reuniões e atividades propostas pela escola. Dados desse tipo são também apontados pelas pesquisas da UNESCO/MEC (2009).

Da minha experiência no estágio docente, a mãe de José nunca esteve presente na escola devido ao seu horário de trabalho. No período de trocas, a relação se deu com o pai que, entre a entrada e a saída das aulas, me perguntava sobre o desempenho do menino, ou avisava-me que havia bilhete, ou dava retorno de alguma solicitação realizada. Contudo, ao realizar a entrevista, percebo que as intervenções foram realizadas muito mais pela mãe que não estava presente na escola. Nas famílias nas quais também obtive “parceria”, o contato ocorria via bilhetes e conversas informais, ou com os alunos que repassavam os recados ou as dificuldades encontradas pela família em ajudá-los. No caso de Q., menina que

residia com a mãe na casa lar, a mãe só pôde ir uma vez na escola para conversar, mas não deixou de manter contatos informais, via bilhetes, informando em que podiam e não podiam ajudá-la naquele momento.

A mãe da T. foi uma das que nunca cheguei a se quer conhecê-la presencialmente, mas talvez tenha sido a mãe mais presente no período do estágio, pois, praticamente todos os dias relatava as angústias e dificuldades da filha, e me fez compreender, via bilhetes, o que a menina enfrentava naquele período escolar, o avô era o mediador desta relação e nos mantinha informadas.

A tia de E. assumiu o desafio de ajudar a sobrinha, indo a escola toda a semana, buscando estratégias para ajudá-la a avançar. Esta foi uma das alunas que não conseguiu ser aprovada, por não ter alcançado os objetivos previstos pela escola, mas foi uma aluna que iniciou o estágio sem ter concluído o processo de alfabetização e encerrou o ano lendo e escrevendo frases simples. Houve nesse caso muito empenho da família que me pedia livros emprestados para ajudá-la em casa. No retorno à escola, no início desse ano, revejo os alunos e uma frase desta aluna me marcou muito: “ Profe., agora eu entendi que o ano tem 200 dias letivos, vou me esforçar desde o começo para poder ir para o 4º ano.”

Dos 13 alunos que levaram a notificação, apenas 1 família não deu retorno às solicitações da escola, os outros, mesmo estando ausentes da escola, mantiveram contatos informais, buscando parceria a favor da aprovação dos filhos. Nem todos foram aprovados, mostrando, mais uma vez, que a família contribui, mas não é determinante do sucesso escolar do aluno.

Assim, refletindo sobre os estudos realizados, olhando para os pais, não como omissos, mas como parceiros, entendendo o professor como mediador desta relação e utilizando os conhecimentos da Psicopedagogia, acredito que poderíamos repensar as reuniões escolares, como sugerido na investigação da UNESCO/MEC (2009), com estratégias pedagógicas, de acordo com os desafios apresentados na sala de aula, para ajudar as famílias a compreenderem as dificuldades e ou transtornos de aprendizagem evidenciados pelos filhos. Através de uma linguagem clara, assumir o desafio de ajudá-los a compreender que cada criança tem seu processo e ritmo próprio de aprendizagem, e, dependendo do aluno, algumas ações estimulam e outras bloqueiam este processo.

Acredito que devemos romper com os paradigmas existentes entre professores e pais e estabelecer uma comunicação clara e sólida embasada em

princípios teóricos que justifiquem o benefício dessa “parceria”, a fim de estimular o avanço nas aprendizagens das crianças. Para tanto é preciso levar em consideração a gama de desafios que o professor tem em sala de aula e o quanto seria proveitoso intervir na aprendizagem do aluno contando com a ajuda dos pais nesse processo.

A escola poderia transformar as reuniões em momentos de troca, valorizar a parceria da família no processo de aprendizagem escolar do aluno, mostrando aos familiares que o excesso de cobrança gera ansiedade e esta atrapalha a aprendizagem escolar. Também poderia incentivar os pais a valorizarem as pequenas atitudes dos filhos em relação a aprendizagem. Ou incentivar os pais a conversarem com os filhos sobre o que leram, questionando o sentido da história. E propor momentos familiares prazerosos de leitura e de escrita, além de estimular ajudas para a criança organizar-se para estudar, e fazer do momento de estudar, um tempo agradável, não maçante e desestimulante para a criança, além deixar claro que oferecer ajuda, é instigar a criança a pensar e não dar a resposta pronta.

Muitas seriam as ideias e propostas que poderiam ser desenvolvidas entre escola e família para promover avanços na aprendizagem escolar do aluno, mas para isso, é preciso abster-se da procura dos culpados, e partir para a busca de “parceiros”, entre escola, família e aprendizagem escolar do aluno, mas sem esquecer o que destaca Nogueira (2015) “O que a família entende por parceria não é o mesmo que a escola entende”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei esta pesquisa tendo o objetivo de investigar quais foram as condutas e intervenções realizadas pela família, no período de estágio docente, que poderiam ter contribuído para o avanço da aprendizagem escolar do aluno. Tinha também o objetivo de refletir sobre o “mito da omissão parental” e da relação família e escola diante das dificuldades de aprendizagem escolar.

Ao concluir esta investigação, percebo que a família utilizou manejos que ajudaram o aluno a avançar diante das dificuldades de aprendizagem escolar e, considerando os inúmeros desafios que um professor tem em sala de aula, contar com a “parceria” dos pais neste processo é de grande valia para a prática docente. Mas, em alguns momentos, por falta de conhecimento ou, até mesmo, por reproduzir práticas culturais que lhe fazem sentido, a família utilizou mecanismos coercitivos que podem ter dificultado o avanço da aprendizagem escolar do menino.

Fica evidente, após os estudos realizados, que muitos pais, investem tempo e recursos para conseguir o avanço das aprendizagens escolares dos filhos, e o fato de estarem ausentes da escola, não significa que não se importam com a educação escolar deles. Assim, falar de omissão parental, para muitas famílias, é um mito, pois várias delas fazem o que podem para garantir que os filhos consigam alcançar o que muitos pais não alcançaram. E, alguns pais fazem do sucesso escolar dos filhos o seu próprio sucesso pessoal, investindo além daquilo que a sua situação financeira permitiria.

Entretanto, falar de “parceria” entre escola e família significa entrar em relações complexas, permeadas por conflitos e julgamentos entre ambas as partes. De um lado a escola, que acha que os pais não estão interessados na educação dos filhos, por não irem a reuniões, festas, ou não estarem presentes na entrega de avaliações, esquecendo-se que muitos deles têm horários de trabalho limitado, o que justifica em grande parte a ausência nesses momentos, ou ainda que, alguns deles, possam não se sentir pertencentes ao ambiente escolar, por ser um lugar que cause estranhamento. E, de outro, os pais que acham que ao pedir ajuda à família, os professores deixam de cumprir com as suas obrigações de trabalho, sem entender todo investimento pedagógico que o professor tem em sala de aula, mas que muitas vezes, diante das inúmeras dificuldades de aprendizagem apresentadas

numa mesma turma, o tempo para realizar intervenções individuais torna-se insuficiente.

Acredito que precisamos romper as barreiras dos discursos prontos de que “não adianta tentar porque não funciona”, e de que “não vou fazer a minha parte se o outro não está fazendo a dele”, e propormos uma “parceria”, sabendo que é o professor que precisa mediar esta relação, deixando muito claro para os pais quais as práticas que contribuem e quais as que podem dificultar as aprendizagens.

Gostaria de ter realizado o estudo com outras famílias a fim de ter mais dados sobre o tema proposto, possibilitando o enriquecimento das análises, porém, sendo este um assunto complexo que envolve uma multiplicidade de fatores, aponto a possibilidade de desenvolver estudos futuros envolvendo esta temática.

Concluo este trabalho, agregando a minha formação docente uma experiência muito mais reflexiva e consistente sobre a relação família e escola do que aquela que vivenciei no período de estágio docente.

REFERÊNCIAS

CORSO, Luciana Vellinho. Aprendizagem e desenvolvimento saudável: Contribuições da psicopedagogia. In: III **Sipase: Espaço psicopedagógico em diferentes cenários**, 2011, Porto Alegre. Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação (3. : Sipase), 2011.

FICHTNER, NILO. Distúrbios de aprendizagem: aspectos psicodinâmicos e familiares. **O caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional**. São Paulo: Artes Médicas, 1987.

GOLBERT, C & MOOJEN, S.M. Dificuldades na Aprendizagem Escolar. In. **O Aluno Problema**, SUKIENNIK (org). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso Escolar Nos Meios Populares: As razões do improvável**. Ática: São Paulo, 1997.

MACEDO, Rosa Maria. A Família diante das Dificuldades Escolares dos Filhos. In: OLIVEIRA, Vera Barros; BOSSA Nádya Aparecida (Org.). **Avaliação Psicopedagógica da Criança de Zero a Seis Anos**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. p. 185-206.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1988.

NOGUEIRA, M.A. Família e Escola na Contemporaneidade: os meandros de uma relação. **Educação e Realidade**, n. 31 (2), p. 155-170, jul. /dez. 2006.

NOGUEIRA, M.A. Relação Família e Escola. **Revista do Professor**, n.123, p. 05-09, jul. /set. 2015

PEREZ, Márcia Cristina Argenti . Infância e escolarização: discutindo a relação família escola e as especificidades da infância na escola. **Práxis Educacional**, v. 8, p. 11-25, 2012.

UNESCO/MEC. **Interação escola-família: subsídios para práticas escolares**. CASTRO, Jane Margareth e REGATTIERI, Marilza(Orgs.). Brasília: UNESCO, MEC, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=4807-escola-familia-final&Itemid=30192> Acesso em: 04 Jul.2016.

UNESCO/OREALC. **Participación de las familias en la educación infantil latino americana**. Coordinación: Rosa Blanco e Mami Umayahara. Orealc: Santiago, 2004. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001390/139030s.pdf>> Acesso em: 04 Jul.2016.

APÊNDICE A - ENTREVISTA

FORMAS FAMILIARES DE CULTURA ESCRITA:

P: Após o recebimento da notificação da escola, o que mudou na rotina do José em casa?

M: Ano passado a gente sentia já que ele estava com dificuldades, porque sempre que os três filhos chegam da escola a primeira coisa que faço é ver se tem bilhetes, vejo o caderno de recados, vejo os cadernos de aula se não está faltando alguma coisa. Eu sempre pergunto e via que ele tinha muitas dificuldades, até no se expressar, no escrever, eu ia acompanhar ele para fazer o tema e ele era muito disperso. Ele fez exames, porque teve pessoas que disseram que ele podia ter alguma coisa, eu acabei fazendo, mas deu que ele não tinha nada. No início eu vi, mas depois que foi mandado a notificação para nós, aí a gente ficou mais em cima, olhar mais, ler mais, ele tinha muita dificuldade para ler e compreender algumas coisas, mas os três em casa a gente sempre acompanhou. Eu sempre fazia ele ler, nunca forcei nada, mas fazia ele ler, fazer os temas eu via ele fazendo.

P: Alguém passou ajudá-lo a fazer os exercícios da escola?

M: Sim. Eu nunca fui de fazer, nem de facilitar nada, mas sempre em cima, vamos fazer o tema, aí, se não queria fazer, então tu não vai jogar bola, não vai jogar videogame, alguma coisa que ele gostava, sempre assim, sempre em cima fazendo ele fazer os trabalhos, sempre ajudando ele bastante.

P: Em que momento do dia? Quem ajudava? Como acontecia essa ajuda? Com que frequência?

M: Ele almoçava, dava uma descansadinha e já ia, para não se avançar para a noite, porque a noite é mais cansativo, o pai chega, os irmãos chegam, não daí não dá. Sempre depois do almoço! Era mais eu, mas meu marido também, quando eu estava trabalhando eu ligava para ele e dizia, olha o José tem tema, então acompanha ele. Quando eu não estava em casa era ele.

P: Qual a sua profissão?

M: Eu trabalhava até 20 dias atrás de recepcionista de motel, eu tinha um horário bem bom de trabalho, era bem flexível, mas aí o menor começou a estudar esse ano e pegou no turno da tarde, e o José no turno da manhã, e o mais velho vai começar a trabalhar agora, então ele estuda a tarde e trabalha de manhã, não tinha mais o que eu fazer, minha família toda é de Canoas, não tenho com quem contar, daí eu tive que pedir para sair da empresa para poder ficar em função deles mesmo, se não não ia dar.

P: O José passou a ter momentos de escrita? Como ocorria escrita?

M: Escrever não, mas ler sim, muito mais, tudo ele queria ler, parecia que ele estava meio travado antes, mas depois a gente começou a ver que tudo ele queria ler, se eu estava lendo até uma bula de remédio, ele pedia se podia ler, anúncio, às vezes se estava dando alguma coisa na televisão ele tentava ler rapidinho e acabava a propaganda ele ficava chateado. Ele quis muito mais ler!

P: Como foi para ele ler bula de remédio? Ele entendia?

M: Ele lia, mas não entendia nada. Ele tem uns gestos engraçados, fazendo caras e bocas, perguntava: O que é isso?

Ele não discernia de muita coisa que ele lia, anúncios, jornal, às vezes eu estava lendo jornal, eu costumo ler livros, daí livros de adulto né, e ele queria ler também, não entendia muitas coisas, mas eu deixava ele ler, pode pegar o que tu quiser para ler, não tem problema.

P: Como funcionava essa leitura? Existiam palavras no livro que ele não entendia, e aí o que você fazia?

M: Ele perguntava o que era aquela palavra, e as que eu sabia eu respondia, isso quer dizer isso, mas as que eu não sabia, eu dizia, a mãe não sabe filho, por exemplo da bula assim, ali tem muitas coisas que eu não sei o que é.

P: Da palavra em si, por exemplo, dificuldade ortográfica que ele não conseguisse ler. Como funcionava?

M: Ele tem a troca né, ele ainda faz a troca F pelo G, do P e do B, então mesmo ele vendo, ele lê errado, por exemplo problema, ele troca, coloca o b na frente, daí eu corrigia ele. Não meu amor não é assim, é parecido, mas não é assim.

P: Vocês têm o costume de ler, ou contar histórias para ele?

M: Eles contam muito mais histórias para gente. Eles gostam, eu nunca tive o costume de ir na cama e contar histórias, a gente nunca teve esse costume, bem na verdade. Mas eles contam muita história.

P: O mais velho para o pequeno?

M: O mais velho era assim, o José é assim e o pequeno também é assim.

P: Que tipo de histórias eles contam?

M: Eles inventam, no caminho que a gente vem trazer ou buscar na escola, eles começam a contar histórias. Às vezes alguma coisa que eles vêem. Eles gostam muito de futebol, eles contam muita história de futebol, daí inventam história. Se eles lêem um livrinho, a partir daquele livro eles inventam uma história, em cima daquilo ali.

P: Mas é o José que conta para o pequeno, como é?

M: Hoje quando a gente chegou, ele pegou um livro na biblioteca. Daí eu cheguei fui fazer as coisas e o José se sentou e começou a ler para o pequeno. Foi a primeira vez que eu vi. E ontem o pequeno pegou o “Bruxa, Bruxa”. Então o que eles fizeram, eu achei muito interessante, eu li para eles, depois o José leu para o pequeno e a partir daquele ali. Eles começaram a brincar, Bruxa, bruxa só pode vir se trazer...Só que eles já não liam o que estava ali, eles inventavam, ontem foi assim, eles estavam um máximo na leitura!

P: Então você disse que gosta de ler. Que tipo de leituras você faz?

M: Leio muitas coisas sobre pais e filhos, “Içami Tiba”, já li o livro “Criando Meninos”, depois que tive eles, mais esse mundo mesmo. Como criar filhos, porque o José teve alguns problemas no passado, em outra escola, aí eu me assustei um pouco comecei a ler sobre isso, aí hoje como as coisas estão mais calmas, é romance, ficção, Sidnei Sheldon, desde a minha época de colégio eu gostava dessas coisas, hoje eu estou mais no romance, em um tema mais light mesmo.

P: Mas ele acabou sendo transferido durante o ano?

M: Ele começou o ano em uma escola, bem próximo a nossa casa, essa escola já tinha uma fama de ser uma escola muito perigosa, mas não de um ensino ruim. Ele saiu do Jardim com 6 anos, que ele faz em Março e foi direto para essa escola. Só que na creche que ele ficava, que é escolinha, ele ficava da manhã até a tarde, sempre foi muito elogiado, só é muito arteiro, se meche muito, corre muito, mas na parte do ensino nunca foi me chamado a atenção sobre isso. Só que lá ele chegou sabendo a pintar, recortar, escrevendo o nomezinho dele. No primeiro dia de aula a professora colocou texto, e ele não conseguiu acompanhar, só que eu não tive o discernimento de ver que o problema não era ele, daí eu deixei ele três meses assim. A professora todo dia me mandava bilhetes que ele não fazia nada, de que ele não copiava, de que ele não fazia as coisas, de que ele não entendia, e ela que me disse: “Olha teu filho tem algum problema!”

Quando ela disse que meu filho tinha um problema, eu me assustei, primeiro fui levar ele no médico. Ela disse que ele poderia ter déficit de atenção, para ver se ele não tinha problema de visão, de audição, porque não era possível ele não fazer nada. Ele fazia a data e travava, e eu achei que o problema era ele. Aí eu levei ele no médico, e a minha doutora disse que quem tinha problemas era a professora, não ele. Ela fez todos os exames sem querer fazer, ela não queria fazer neuro, não queria fazer nada, eu que disse, eu quero fazer, eu quero me livrar disso, de que ele possa ter algum problema. E não deu nada, a doutora disse: O teu filho não tem nada, tanto que nós estamos conversando aqui quase uma hora e ele está sentado brincando, parado, então que problema tu quer que teu filho tenha? Aí eu fui na escola e disse eu quero tirar meu filho da escola, porque a escola de vocês tem problema e a professora de vocês tem problema. Meu filho veio da creche escrevendo o nome e a professora quer que ele escreva um texto. Não tem como fazer contas de 2 algarismos pra mais, não tem como, ele não vai conseguir. Daí trouxe ele para cá, o meu mais velho estuda aqui desde os 5 anos estuda aqui. Começou com a mesma professora do meu filho mais velho, ela inclusive levou os cadernos dele numa reunião para mostrar o absurdo que era o

caderno dele. Primeiro ela teve que trabalhar com ele durante 6 meses para poder tirar todo o trauma porque eu, infelizmente tenho vergonha de dizer, mas eu cheguei a bater nele, de dar palmadas nele, por todo dia vir bilhetes dizendo que ele não fazia nada na aula. Então ele levou 6 meses para perder o medo de vir para a escola, para não chorar, deu um trauma nele, eu quase precisei levar ele no psicólogo, a própria médica e a professora disse, se em 6 meses ele não melhorar a gente vai ter que procurar um psicólogo, porque aí é um trauma que ele ficou e vai ter sempre. Ele chorava para vir, ele travou, ele escrevia o nome, já parou de escrever o nome.

P: Isso ano retrasado?

M: Isso ano retrasado. Daí ele foi indo, foi indo, quando viu já estava acompanhando a turma, indo tudo bem, graças a Deus.

P: O José tem a disposição materiais escritos para ler? Quais?

M: A gente tem a estante na sala, que tem muita revista, muito jornal. Eles têm uma pilha de uns 20 gibis, historinhas, aqueles “Sesinho”, tudo que é infantil e a gente ganha, eu vou guardando e colocando ali. Daí vira e mexe eles abrem, lêem, vêem, esses dias fui limpar, e eles acharam e passaram a tarde naquela função, olha aqui o que eu achei, um dizia para o outro.

P: O que ele mais gosta de ler? Ele tem uma preferência?

M: Ele lê mais os livros da escola, que pega na biblioteca, ele queria ler livros meus, grossos, eu disse não, vamos ler uma coisa mais infantil. Ele lê Gibi, qualquer coisa que tenha desenhinho ou historinha ele gosta de ler.

P: Como ocorriam esses momentos de leitura? Vocês chegavam a acompanhar de perto essa leitura?

M: Quando vocês começaram a falar das dificuldades dele, toda vez que vinha algum trabalho, por exemplo, de responder alguma coisa de um texto. Ele ia direto procurar a resposta, ele não lia o texto. Daí eu dizia, para ti entender tu tem que ler tudo filho, aí ele começava a ler, daí eu acompanhava a leitura para ver como estava a leitura dele. Até hoje, qualquer trabalhinho ou tema ou alguma coisa que ele tenha que passar a limpo eu peço para ele ler, para ver se ele está entendendo.

P: Ele tem costume de escrever? Na sua família vocês costumam deixar bilhetes, fazer lista de compras ou ficar trocando mensagens por WhatsApp ou face book?

M: Celular ele só tem para jogar, está sem chip mesmo, ele não utiliza essas coisas. Esses dias nós estávamos brincando, eu disse que ia começar tirar pontos dele, aí ele começou a fazer cartãozinho, eu por reclamar perdi 30 pontos, daí ele escreveu e me deu, assim! Mas nada de deixar bilhetes pros outros. Mas se eu pedir para escrever alguma coisa, ele escreve sem problemas. Ele vê muito quando eu estou fazendo listas de compras. O pai é mais lendo, só quando é cruzadinha no jornal, daí ele olha, mas ainda não entende, por mais que eu já tentei explicar, mas ele não entendeu. É mais a liste de comprars mesmo, eu faço a lista, e estou limpando o armário, daí o caderno fica em cima da mesa e ele começa a ler o que eu escrevi.

P: Ele já escreveu alguma vez lista? Tu pedir para ele escreve tal coisa?

M: Não, nunca dei para ele escrever.

P: Até que ano você estudou?

M: Terminei o Ensino Médio. Comecei o Técnico e quando eu tinha passado para a UFRGS eu engravidei, daí decidi cuidar da minha gravidez e aí parei de estudar. Eu ia fazer biblioteconomia que foi o mais fácil na época. O meu sonho era administração, daí fiz o técnico em administração, tive uns problemas familiares e precisei desistir. Sempre tive um sonho desde criança em fazer administração de empresas, e as vezes comento com o meu mais velho sobre isso. E ele diz: “Mãe tu está nova, não desiste!” Os adolescentes, são muito mais avançados que a gente, daí ele me dá lição de moral para eu voltar a estudar.

P: Você gostava de ir para a escola? Vocês compartilham desses momentos com eles? Como era a escola da tua época?

M: Sim. Eu e meu marido a gente conversa muito sobre isso. Estudávamos no mesmo bairro, mas uma escola era rival da outra, daí a gente está sempre brincando, a minha escola era melhor que a tua. Eu curto a página da minha escola no face, daí quando eu

estou lendo alguma coisa, eu mostro para eles: “Olha, a mãe estudou aqui!” Assim, assado, e falo muito quando eles não querem vir estudar, eu digo: “Eu adorava ir para a escola!” E realmente, é verdade, eu adorava mesmo estudar, ir para a escola.

P: O que era fácil para ti aprender?

M: Eu sempre gostei mais de biologia, história, essa parte, da filosofia, mais das humanas mesmo. Mas meu marido, bem ao contrário.

P: O que era difícil?

M: Física, Química, Matemática. Tudo que lidava com números, nunca rodei graças a Deus, nunca fiquei em recuperação, mas era o que me atormentava.

P: Tinhas ajuda diante de alguma dificuldade?

M: Não. Meus pais não terminaram nem o primeiro grau, minha mãe tinha até a terceira série, meu pai a quinta. Sempre tive que fazer tudo muito sozinha, até um certo ponto meu pai me ajudou, e ele era muito inteligente, no mais eu ia para a biblioteca e aprendia tudo sozinha mesmo.

CONDIÇÕES E DISPOSIÇÕES ECONÔMICAS

P: Quem mora com o José?

M: Pai, mãe, 2 irmãos.

P: Qual a escolaridade dos membros da família?

M: Mãe - Ensino médio

Pai - Ensino Fundamental

Irmão 1- Cursando Ensino médio

Irmão 2- Cursando o Primeiro ano, das séries iniciais.

P: Todos trabalham? Trabalham no que? Quem produz a maior fonte de renda da família?

M: Maior renda vem do pai - promotor de vendas

P: Ele fica com quem a tarde?

M: Ano passado, só com os irmãos.

P: Quais as tarefas dele para a tarde? Essas tarefas mudaram após a notificação da escola?

M: Quando eu não estava trabalhando eu dizia que precisava de muita ajuda deles. Trocar o uniforme quando chegam guardar as suas roupas no armário, sujou lavou, guardar calçados, cada um arruma sua cama, mochila no lugar, juntar os cocôs dos bichos, dar ração pros cachorrinhos, juntar os brinquedos, não deixar nada espalhado. Às vezes eu trabalhava de dia, mas as vezes eu trabalhava de tarde, era muito tempo. Então eu pedia, ajudem o pai.

P: Quem faz as compras da casa? Ele participa desse movimento financeiro? Dá-se conta dos preços das coisas no mercado, ou do que dá para comprar com R\$ 20,00, por exemplo?

M: Não gostam de ir no mercado, mas se precisar eles vão. Preferem ficar em casa porque é muito tempo, acham chato. Ele pergunta o que dá para comprar com esse valor, mas não tem noção. Ele olha já preço. Agora ele queria comprar um jogo na internet que era R\$ 12,00. Daí eu disse agora a mãe não pode, tem que esperar porque não saiu meu dinheiro ainda. Mas aí ele me disse, mas não dá pra comprar nada com R\$12,00. O que dá pra comprar? Eu comecei a dizer, aí ele questionou, quanto custa tal coisa? Começou a contar, aí se deu conta que dava para comprar várias coisas com R\$ 12,00.

ORDEM MORAL DOMÉSTICA

P: Qual foi a reação de vocês quando receberam a notificação?

M: Toda a casa ficou muito abalada! Até o pequeno, como a idade deles é próxima, sentiu. O meu mais velho é adolescente, mas ainda brinca com ele. Eu dizia para ele filho, imagina um ano a gente indo no sol, na chuva, e agora precisar fazer tudo de novo. E até o pequeno quando ele estava fazendo tema dizia: “É mano tem que fazer para não rodar! ”. A gente ficou bem triste, porque o mais velho nunca rodou, e até uns 4 anos atrás ele ganhou um diploma como um dos melhores alunos da escola, então ele sempre foi motivo de muito orgulho, não que o José não fosse, mas dá aquele banho de água fria. Ficava pensando o que eu fiz de errado, eu me culpei o tempo todo e não ele, jamais eu culpei ele, o que eu

não acompanhei que com o mais velho eu fiz e pra ele não. A gente ficou bem preocupados, ficava pensando não acredito que isso vai acontecer, que ele vai rodar, e para ele a decepção dele de rodar, que eu acho que para uma criança é frustrante, ver teus colegas em outra turma e tu não.

P: E ele falava sobre isso? Como era?

M: Ele falava muito sobre isso, nós não xingamos, mas a gente falava pra ele assim como estou te falando: “Olha filho, o que tu vai perder, vamos estudar, vamos fazer laboratório de aprendizagem agora.” Daí eu comecei a puxar ele em casa, puxava bastante, mais do que nunca, mesmo que eu tava trabalhando, puxei muito ele, cortei o videogame, a gente vai ler, vamos fazer conta, o que tu não consegue, o que tu não entende, a gente vai te ajudar, e fomos assim, nos últimos três meses, que foi quando recebemos a notificação, foi ápice aquele né, então a gente foi em cima, mas a gente ficou bem triste, não ficamos decepcionados nem brabos, mas tristes por ele ter que passar por isso.

Que condutas vocês tiveram? Então vocês cortaram o videogame e o que mais?

M: Sempre que vinha alguma coisa incompleta, que a professora mandava ou coisas simples que ele não conseguia fazer porque estava muito distraído, daí eu dizia: “Agora tu vai ficar sem o videogame, sem o futebol, porque agora a gente vai estudar.” Assim se foi indo, isso puxa também, porque a criança ela quer brincar, quer fazer outras coisas, daí ele se puxava mais, e conversar, acho que o mais assim foi, foi o conversar mesmo, ele ficou bem triste com ele mesmo. Eu via que ele estava triste, que ele queria fazer, mas não conseguia, porque ele tinha dificuldade. Nós acabamos nos conformando que ele ia rodar mesmo, e passamos isso para ele, acho que meio sem perceber, mas a gente se conformava.

P: Como assim, o que acontecia?

M: Como ele já tinha essa dificuldade, eu e o pai dele, a gente começou a conversar, acho que não vai dar, acho que ele não vai, porque assim até para ler ele tinha dificuldade. Eu pensava acho que não vai dar certo, e por mais que a gente tentasse não discutir, não falar perto dele, a gente acabava dizendo e ele foi se conformando que ele ia rodar. Então quando ele descobriu que passou, nossa! Meu Deus! Aquele dia que nós saímos dali tu não tem noção! Ele ligou pro pai dele, ele ligou pro irmão dele, ele me abraçava, ele não sabia se ria, se ele chorava, ele ficou extremamente feliz! Muito muuito feliz mesmo! E nós também!

P: Ficou combinado algum horário fixo para estudo que não havia antes?

M: Ele é um menino que não se concentra muito. A gente já entendeu que cada um tem o seu jeito de estudar, o meu mais velho também, não pega um livro, mas consegue tirar um nove ou um dez numa prova, é dele, ele consegue prestar atenção na aula e depois fazer a prova. Então eu não cobro dele, de vai sentar e vai estudar, e o José tem essa coisa de não se concentrar, então não adianta eu querer ficar duas, três horas com ele, que não vai adiantar. Então o que eu fazia muito com ele era ditado, enquanto eu estava lavando a louça, ele sentava na mesa e eu dizia vamos lá! Vamos lá! Vai aí que a mãe vai te dar uma estrela, eu comprei uma cartelinha de adesivos, dava adesivos para ele e ele ficava bem feliz. Dizia “ Ó vou te fazer um doce, então vamos lá!” Vamos ver quantos tu vai fazer, sempre assim né, a mãe vai vir do serviço e vai te dar alguma coisa, vamos lá, vamos se esforçar e assim foi indo. As continhas sempre tentando de cabeça as mais fáceis né, 1+1, 2+2, 3+3, e assim foi indo, meio que vamos ajudar para ano que vem pelo menos fazer de novo, mas melhor, porque a gente chegou a uma fase que ali ajudando ele eu via que não ia, parecia que ele não ia adiante.

P: E quando ele errava as palavras do ditado, o que acontecia?

M: Daí a gente fazia de novo, até ele acertar, normalmente ele fazia aquela troca do F pelo G, o P pelo B. Daí eu dizia: “Fala a palavra, fala várias vezes e vê o som de que tem?” Mas ele é muito assim, de esperar a resposta. Ele dizia D? então é B? Para mim dizer a resposta, até hoje ele é assim. Nós estávamos fazendo as continhas, e ele ficava tentando adivinhar o resultado. Eu dizia para ele não é para adivinhar, é para falar, para se esforçar. Se ele errava três, tinha que fazer de novo até acertar, se eu visse que ele estava com muitas dificuldades eu escrevia bem grande numa folha para ele ver, depois de um dia, dois

eu fazia de novo aquelas palavras, até ele conseguir. A gente não sabe bem como fazer, exatamente como uma professora faz, a gente tenta do jeito que aprendeu né.

P: Quais as recomendações dadas a ele para que pudesse melhorar na escola?

M: Quando ele acertava a gente ficava muito feliz. Quando vinha elogio para casa de que ele melhorou, quando a senhora disse que ele estava melhorando, nossa a gente ficou muito feliz, ele ficou muito faceiro, meu mais velho conversava com ele e dizia: “Olha aí viu!” Eles sempre foram muito unidos, apesar da diferença de idade. Com o tempo a gente vai aprendendo ser mãe e ser pai, com o primeiro eu cobrava muito, tudo o que podia fazer, eu fazia, agora com eles não, a gente elogiava muito: “Viu que legal tu tá melhorando!” Sempre elogiava muito para ele ficar feliz!

P: Aos finais de semana, vocês eram mais tranquilos com a rotina escolar, ou o José continuava a ter obrigações?

M: Ele é assim né. No dia a dia sempre aparece alguma para aprender. Vendo algum programa, alguma coisa e ele quer saber o significado da palavra. Mas aquela hora de sentar e ler no final de semana a gente não fazia.

P: Onde o José fazia as tarefas escolares? Havia silêncio?

M: Depois da notificação, ou eu estava fazendo alguma coisa próximo a ele, mas deixando ele no cantinho dele, mas tudo desligado, nada ligado, televisão, som, nada. Ele fazia os temas na cozinha.

P: O que acontecia na hora que ele deveria estudar? Existia uma rotina? Qual? Havia um tempo estipulado para estudo? Ele organizava o material de estudo?

M: Como eu te disse não adiantava tentar fazer ele estudar, mas tema essas coisas não interessava, ele ficava o tempo que precisasse.

P: Quem organizava o material escolar dele? Como isso era feito?

M: Ele cuida das coisinhas de aula dele. Os cadernos dele de aula de manhã é eu que arrumo, porque esse ano tem muitas matérias diferentes, vários horários, mas eu chamo ele e a gente olha junto. Eu digo para ele: “Olha aí que aula vai ter hoje, qual caderno tu vai precisar?” De manhã as vezes ele está meio sonolento daí eu arrumo, mas quando ele está mais acordado, eu digo, vamos lá ajudar a mãe que eu na sei quais as matérias que tu tem hoje.

P: Com relação ao horário de dormir, que horas ele costuma ir dormir? Vai sozinho? Precisa ser lembrado? Ele tem resistência para respeitar o horário?

M: Ele vai dormir, 22:00 hs, 22:30 hs. Eu preciso lembrar, ele não vai sozinho.

P: E, em relação a forma de se relacionar na escola com os professores e colegas, qual as orientações que a família procura dar a ele? Percebes que ele atende? O que parece ser mais difícil para ele?

M: Os problemas dele não foram só em relação a aprendizagem né, ele estava fazendo bullying com um colega, nós fomos chamados pelo SOE⁷, sobre o comportamento dele. Daí eu e o pai dele chamamos ele e perguntamos o que ele estava pensando em agir assim, se ele gostaria de ser tratado desse jeito. Porque ele nunca foi um menino agressivo, ali a gente viu que estava acontecendo alguma coisa de errado com ele.

P: E da agressão em si, vocês perguntaram porque ele estava agredindo? O que estava acontecendo?

M: Quando recebi o bilhete, no caminho mesmo eu já fui perguntando, o que tinha acontecido, que era melhor ele me contar do que eu ouvir da professora, daí ele foi até em casa dizendo que não sabia de nada, quando chegou em casa ele resolveu contar. Eu perguntava: “Tu gostaria que te chamassem de magrelo, de dentuço?” “Como tu te sentiria se te chamassem assim?” Aí ele se sentiu mal, ele chorou. Daí eu deixei ele de castigo, tiramos os jogos de luta, deixamos a televisão a cabo só com programas infantis, bloqueamos os canais de adulto da SKAY para ele não ter acesso a nenhum programa agressivo, e só poder ver coisa de criança mesmo.

⁷ SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO ESCOLAR

Eu conversei com a professora do SOE, e ela disse que meio que ele estava indo atrás dos outros, porque ele não é assim, ele cuida do irmão. Eu não sou de defender filho, jamais eu vou achar que a escola está pegando implicância, mas foi uma fase mesmo.

P: Que tipo de castigo ele recebeu?

M: Daí foi bem forte mesmo, porque acho que isso no futuro é uma coisa bem problemática, fazer bullying quer bater no colega por achar que ele é diferente, esse tipo de coisa, a gente é totalmente contra isso. Então daí sim, eu cortei radicalmente! Sem videogame, sem jogar bola na rua, só em casa, só podia ver desenho, comer e dormir cedo, foi bem forte. E a gente mudou com ele, a gente passou a agir mais firme, falar mais sério, ser mais duros com ele, sem excluir ele, mas falando de forma mais seca: “Tu fez tudo na aula? Como tu te comportou? Teve alguma coisa nova hoje? E todo dia eu pegava ele pela mão e ia para casa, tratanto ele bem sério, se ele pedisse alguma coisa, era não, dizia que enquanto ele não aprendesse a se comportar ele não iria ganhar nada, não iria brincar, e assim foi, daí não veio mais nada de reclamação, graças a Deus. E depois disso, ele vinha e me contava, mãe sabia que hoje eu conversei com o colega e brinquei com ele no recreio.

P: O que aconteceu para que a postura de estudo dele na escola mudasse? Quais foram os conselhos recebidos?

M: Eu e meu marido íamos tirar férias juntos, já estávamos combinado de ir para a praia, e a gente dizia que ele não iria ir junto, que ele ficaria com a avó, daí ele se assustou. Ele falou o ano inteiro na praia, e a gente dizia: “Tu não vai ir! Tu não vai pra praia!” Claro que a gente não faria isso, mas ameaçamos ele que se ele não mudasse era isso que aconteceria. Conversamos que ele ia rodar, que ele estava se comportando mal na escola, a gente fez todo um, um apavoramento mesmo. A gente pensou, vamos apavorar esse guri, para ver se ele dá um jeito de melhorar. A gente apavorou ele mesmo, ele se assustou! Acho que ali um pouco ele começou a mudar também. Na verdade, a gente achava que estava tudo bem, quando a gente acha que está tudo bem, a gente relaxa né, se ficava sem olhar o caderno, não tinha problema, não vinha conversar com a professora, só se viesse bilhete, hoje eu estou muito mais em cima, estou sempre perguntando se está tudo bem, como ele está indo.

FORMAS DE AUTORIDADE FAMILIAR

P: Quem o José respeita mais em casa?

M: Ele respeita mais eu, meu marido é mais manso, eu sou mais brava mesmo.

P: Qual foi a motivação principal dele? Para passar de ano? Algum presente foi prometido caso ele passasse?

M: Sim, prometemos uma bicicleta, que ele queria muito e ele ganhou.

FORMAS FAMILIARES DE INVESTIMENTO PEDAGÓGICO

P: Por que vocês acham importante o José estudar?

M: Pra tudo né. Sempre aprendi desde pequena, que tu não vai a lugar nenhum se não estudar. E isso eu falo pra ele: “ Tu vai a lugar nenhum se não estudar! Tu não vai ser nada! O que tu vai ser da vida? Tu vai roubar? A gente mora num lugar perigoso né, e sempre que a gente vê alguma coisa triste, a gente diz: “Olha aí, o que acontece com quem não estuda, quem não obedece os pais, viu no que dá!” Sempre que eles pedem alguma coisa e a gente não tem condições de dar, eu sempre digo: “ Tu quer ter isso, quer dar pros teus filhos, tem que estudar! ”. “Tem que trabalhar e estudar muito, para ter um bom emprego e poder comprar as coisas. ” Acho que para ser uma pessoa melhor, para ter coisas melhores, para saber se expressar melhor, tem que estudar.

P: Como seria se ele tivesse reprovado? Mudaria alguma coisa na rotina dele? E da família?

M: Ele ficou com o pensamento de que os colegas mudariam e ele não. De que ele seria o mais velho, que teria crianças menores na turma dele. Fiquei falando do tênis que ele gastou, do lanche, da roupa, dos materiais, do tempo, tudo que investimos e ele jogou fora, Dizia quando tu tiver na oitava ou no primeiro ano, tu vai ser sempre o repetente. “Eu já repeti!” Eu dizia para ele: “A mãe nunca repetiu, nem o pai, nem o mano, daí tu vai ser o primeira da família que já repetiu.”

P: Costumam comprar livros ou materiais escolares? Em que situações? Ele já pediu algum livro de presente?

M: Eles adoram uma livraria! Quando eu vou no shopping pagar contas, eles ficam um tempão lá vendo os livros. As vezes tento fugir, mas não dá, a gente tem que deixar eles irem um pouco na livraria, as vezes só vou rapidinho numa lotérica, mas não dá. Eles sentam naqueles pufes, daí o pequeno não sabe ler e o José lê para o pequeno, eles escolhem os livros para ler. Eles ficam fascinados pelos livros. Quando tem feirinha na escola também, eles amam!

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Aos pais e responsáveis

O meu Projeto de Pesquisa: “Família e Aprendizagem Escolar”, consiste em pesquisar que tipo de condutas e intervenções foram feitas pelas famílias, após intervenção escolar, que surtiram efeito positivo na aprendizagem escolar dos filhos.

Utilizarei como procedimento metodológico uma entrevista estruturada, sob a forma de questionário e os dados do diário de campo da prática docente. Este projeto será fonte de pesquisa do trabalho de conclusão do curso de Pedagogia da UFRGS, sob orientação da professora Luciana Velinho Corso¹, doutora em educação na área de Psicopedagogia.

Comprometo-me a respeitar os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho, os dados e os resultados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionado o nome dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado. A participação nesta pesquisa não oferece nenhum tipo de risco ou prejuízo aos participantes, bem como não gerará nenhum tipo de ônus financeiro a nenhuma das partes.

Após ser devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas.

Eu, _____, detentor do
CPF n° _____ e RG n°
_____, responsável pelo aluno
(a) _____, autorizo a
pesquisadora Zilda Maria Willers da Silva² a fazer sua pesquisa, estando de acordo
com as solicitações da pesquisadora.

Atenciosamente, Zilda Maria Willers da Silva

¹ Atualmente ela é professora adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Psicopedagogia, atuando principalmente nos seguintes temas: processos cognitivos, avaliação e intervenção psicopedagógica, educação infantil, dificuldades de aprendizagem na leitura e na matemática, alfabetização. Email: l.corso@terra.com.br

² Estudante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, graduanda em Pedagogia, sob número de cartão 218553. Telefone para contato (051) 91013773. E e-mail: zildaws@hotmail.com.